

EXPRESSO EDUCAÇÃO
RESIDÊNCIA PROFESSOR-PESQUISADOR

CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO EM REDE

EXPRESSO EDUCAÇÃO
RESIDÊNCIA PROFESSOR-PESQUISADOR

CULTURA DIGITAL E
EDUCAÇÃO EM REDE



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
e Secretaria Municipal de Cultura apresentam

EXPRESSO EDUCAÇÃO
RESIDÊNCIA PROFESSOR-PESQUISADOR

CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO EM REDE

RESIDENTES

Gisele Ferreira da Silva
Jacira Cristina Soares da Conceição
Maria Madeira
Rafael Adorján
Thamy Dalethese
Viviane Rodrigues

Patrocínio



CULTURA

Criada em 2013, a lei de incentivo à cultura da cidade do Rio de Janeiro é o maior mecanismo de incentivo municipal do país em volume de recursos. No ano de 2021, atualizamos os procedimentos para torná-la ainda mais democrática e mais simplificada. O Rio de Janeiro possui uma produção cultural diversa e decisiva para seu desenvolvimento e para o bem-estar da população. Nossa lei, carinhosamente apelidada de Lei do ISS, é um de nossos mecanismos de fomento que buscam estimular o encontro da produção cultural com a população.

Uma das iniciativas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro na área educacional é a formação continuada de professores. Assim, entre abril e setembro de 2021, o MAM Rio realizou o programa Expresso Educação: residência professor-pesquisador, voltado diretamente para professores que atuam na rede pública de ensino do Rio de Janeiro, mais especificamente no ensino fundamental, no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos.

Durante seis meses, três mentores convidados e seis educadores do museu acompanharam e serviram de interlocutores para seis professores, escolhidos em chamada aberta, no desenvolvimento de projetos educacionais. Nesta publicação, vamos conhecer esses professores e os projetos que eles desenvolveram durante a residência e com seus alunos. Vamos também entender o contexto em que eles trabalharam e as dificuldades que encontraram no período, marcado pelo fechamento temporário das escolas em razão da pandemia de Covid-19, pela carência de equipamentos, de conexão à internet e do ambiente doméstico desfavorável ao ensino remoto, e pelo despreparo das escolas e dos professores em oferecer ensino à distância.

Durante a residência, a professora conhecida como Tia Vivi expressou a vontade de chamar um “carro do ovo” para anunciar por alto-falantes nas ruas a volta às aulas presenciais para as crianças sem conexão à internet. Essa fala ilustra, de um lado, a criatividade e a determinação dos professores, e de outro, os imensos desafios dos profissionais da educação na segunda maior cidade do país em pleno século 21.

É com grande satisfação que apresentamos neste livro os projetos inspirados e inspiradores desses professores.

FABIO SZWARCWALD

Diretor executivo do MAM Rio

SUMÁRIO

10 AUXILIAR E AMPLIFICAR
SOLUÇÕES

Gilson Plano, Antônio Amador, Daniel Bruno,
Juca Fiis, Lais Daflon e Shion Lucas

14 EDUCAÇÃO COMO
PROCESSO DE CRIAÇÃO

Gleyce Kelly Heitor

18 CABEÇAS FALANTES

Claudio Bueno

22 RESSIGNIFICAR

Jaciara Cristina Soares da Conceição

28 VIEMOS DO EGITO

Thamy Dalethese

34 FORMATANDO O SISTEMA

Denise Alves-Rodrigues

38 EDUCASOMOS

Rafael Adorján

46 REVISTA PLUARTES

Maria Madeira

54 REMIX DE SABERES

Sil Bahia

58 HQ DA TIA VIVI

Viviane Rodrigues

66 MINHAS ESCRIVIVÊNCIAS

Gisele Ferreira da Silva

AUXILIAR E AMPLIFICAR SOLUÇÕES

**GILSON PLANO, ANTONIO AMADOR,
DANIEL BRUNO, JUCA FIIS, LAIS DAFLON
E SHION LUCAS**

Um projeto de educação sempre atua em várias frentes que, direta ou indiretamente, ressoam muito além do seu horizonte inicial. Realizado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o programa Expresso Educação: residência professor-pesquisador se configura com uma dessas ações que reverberam, pois cada professor-residente chega ao museu conectado a uma ampla rede de relações que se estende às escolas, aos profissionais que trabalham nelas, aos inúmeros alunos que se encontram cotidianamente nas instituições e se movimentam, às famílias e a muitos outros. Nesse sentido, a potência da rede de educação esteve presente de muitos modos nos seis meses em que nos encontramos para pensar metodologias e trocar experiências, conectados também em rede, refletindo sobre as dimensões culturais das virtualidades no campo da educação.

Como podemos aprender com e através dessa estrutura em rede? Como os projetos desenvolvidos por cada residente podem apontar, para outras pessoas educadoras, métodos e questões sobre criação, educação e cultura digital? Talvez, uma das principais atuações do programa foi a de servir como uma plataforma para residentes explorarem questões que já emergem no cotidiano das suas práticas de educação. Quais são as pesquisas e as questões que surgem das práticas específicas de residentes? Como podemos auxiliar no seu desenvolvimento? E como podemos amplificar essas soluções para todas as outras pessoas que compõem a rede da comunidade escolar?

Com essas perguntas em vista, o MAM Rio selecionou seis professores das redes públicas de ensino do Rio de Janeiro por meio de chamada aberta para uma residência formativa com duração de seis meses, a partir de abril de 2020. Os mentores do programa foram Claudio Bueno, curador e doutor em artes visuais, Denise Alves-Rodrigues, artista plástica, e Sil Bahia, codiretora do Olabi e coordenadora da PretaLab. Foram realizados encontros remotos coletivos de inspiração e encontros específicos entre mentor, professor-residente e um educador do MAM. Cada mentor se encarregou de dois professores-residentes.

Sob a mentoria de Claudio Bueno estiveram Jaciara Cristina Soares da Conceição, que leciona nos ensinos fundamental e médio da rede pública estadual e é formada em letras/literaturas, e Thamy Dalethese, professora regente do 5º ano

do ensino fundamental em Ciep, no Catete, mestre em educação e pesquisadora de educação afrocentrada e decolonial.

Denise Alves-Rodrigues foi mentora de Maria Madeira, doutoranda em arte, titeriteira e professora de artes visuais em Maricá (RJ), e Rafael Adorján, artista, fotógrafo e professor de artes visuais da rede pública municipal, com alunos predominantemente da Rocinha.

Sil Bahia atuou como mentora de Gisele Ferreira da Silva, professora da rede municipal que atua no programa de Educação de Jovens e Adultos, formada em psicanálise e doutoranda em políticas públicas e formação humana, e de Viviane Rodrigues, mestre em relações étnico-raciais, integrante de movimentos antirracistas, além de professora do ensino fundamental da rede municipal, conhecida como Tia Vivi.

O Expresso Educação: residência professor-pesquisador, além de ser uma plataforma para formação de professores, serviu como um processo experimental de criação de projetos para escolas, como se verá neste livro. As diversas pesquisas desenvolvidas durante a residência se relacionam à cultura digital, para além dos recursos tecnológicos. A linguagem do digital pode apontar para metodologias ativas de aprendizagem, e estas também podem contribuir para uma educação digital. Assim, observamos da mesma forma como o museu, por meio de relações de escuta e troca de experiências e referências proporcionadas pelos encontros, pode construir práticas e metodologias outras para a criação de novas experiências formativas.

EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE CRIAÇÃO

GLEYCE KELLY HEITOR

Antes de adentrar nas singularidades do projeto Expresso Educação: residência professor-pesquisador, é necessário que recapitulemos que, em dezembro de 2019, vimos a repercussão do aparecimento e da disseminação de um novo vírus na cidade de Wuhan, na China – o SARS-CoV-2 –, que ficou popularmente conhecido como coronavírus.

Em poucos meses, o que parecia uma virose local se alastra, tomando proporção global e afetando rapidamente diferentes áreas do convívio social, como as escolas e as universidades, assim como as áreas ligadas ao lazer e à experiência cultural, como os museus. Todos esses espaços, diante do contexto de isolamento, necessário à mitigação do contágio do vírus, passaram a administrar uma desafiadora crise de finalidades.

Muitas trabalhadoras e trabalhadores tiveram suas jornadas e rotinas subitamente modificadas. O fechamento das escolas acirrou, por sua vez, o debate sobre suas diferentes funções sociais, para além do ensino e da aprendizagem. Ressaltou-se que as escolas são espaços de socialização, que podem ser a única oportunidade, a depender do contexto, de estudantes realizarem uma refeição, que são estruturas que permitem que mães e pais tenham sua rotina de trabalho assegurada, que são importantes locais de proteção para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade etc.

No que diz respeito à passagem do ensino para a modalidade remota, como única alternativa segura no contexto da pandemia, evidenciou-se as desigualdades nas condições para a universalização de práticas de educação em formato digital: desde a falta de equipamentos às dificuldades de acesso/distribuição da internet e domínio precário das ferramentas, tanto por parte de estudantes como de professoras/es. Somaram-se a isso a exaustão e o esgotamento que atingiam os docentes ao longo de 2020.

Com os museus não foi diferente. Se a virada digital dos museus era uma questão que vinha sendo amplamente debatida nas últimas décadas, sua prática era, por vezes, rechaçada por um campo que vinha priorizando a ênfase na cultura material e na experiência presencial. Com a pandemia foi necessário, no entanto, uma rápida adaptação ao formato de produção de conteúdos e a transposição destes para as redes.

Acompanhamos a transposição de ações educativas para o ambiente virtual, sobretudo nas redes sociais, atribuindo, assim, uma nova orientação de trabalho aos educadores e novos diálogos com os públicos. Mas como formar comunidades? Como contribuir, com soluções e proposições, com os diferentes segmentos da sociedade, afetados de formas distintas pela pandemia? Bastaria que os museus ampliassem seu alcance nas redes sociais?

Somado ao contexto acima descrito, o MAM Rio também passava por um momento de reformulação nas suas práticas, na sua governança e nos seus objetivos. O museu passou a ser dirigido por uma nova gestão, que não só almejava como apoiava sua construção *com e a partir* dos seus públicos.

O projeto Expresso Educação: residência professor-pesquisador foi criado nesse momento de transformações sociais, educacionais, museais do MAM Rio. Surgiu do desejo de aprendermos e nos educarmos para esse novo contexto. Com ele, queríamos criar as condições de possibilidade para que educadoras e educadores se encontrassem em um ambiente no qual pudessem partilhar questões e desafios comuns e que forjassem, a partir disso, novos repertórios de ação.

A ênfase da residência era a pesquisa sobre metodologias. Ela foi concebida para estimular a reflexão e o desenvolvimento de proposições que respondessem aos desafios de educar não apenas à distância, mas em isolamento social. Para isso selecionamos e remuneramos professoras/es das redes públicas de ensino. Esperávamos que com educadoras/es, artistas e profissionais de diferentes áreas, as/os residentes pudessem refletir sobre cultura digital e virtual como uma linguagem específica – bem como um modo de ler, conhecer e criar o mundo.

Para que saíssem com uma visão ampla sobre cultura digital, deliberamos que todos os encontros seriam remotos, assim poderíamos experimentar a intensidade de nos falarmos, nos reunirmos, pesquisarmos e estarmos juntas/os – digitalmente. Criamos ainda os encontros de inspiração e decidimos somar ao grupo reduzido de residentes outras/os docentes com interesse no tema, mas que não estavam contempladas/os com a bolsa.

Para esses encontros, elegemos os temas: educação e linguagens de mídias sociais; jogos digitais e hackerativismo;

processos artísticos e virtualidades; e tecnologia educacional e inclusão digital, todos ministrados por profissionais de referência nessas áreas.

O aprofundamento das pesquisas aconteceria nos encontros de mentoria, que foram realizados por Sil Bahia, Claudio Bueno e Denise Alves-Rodrigues, com o acompanhamento da equipe de Educação e Participação do MAM Rio. Esses seriam espaços exclusivamente dedicados às/aos professoras/es bolsistas, que contariam com a experiência dessas/desses profissionais na elaboração de seus projetos e métodos.

Espera-se que toda experiência de formação promova aprendizados mútuos. Nesse sentido, asseguramos que a residência fosse um espaço de formação para a equipe do MAM Rio, que junto às/aos professoras/es fazia as transposições dos problemas e soluções pensados para a escola, para o contexto do museu. Esse caráter duplamente formador do projeto poderá ser conferido nesta publicação, que é fruto das pesquisas e das interlocuções entre profissionais que atuam em contextos escolares e museológicos.

Poderemos ver ainda que as relações entre escolas e museus e entre professoras/es e educadoras/es, mais do que uma transmissão de valores e conteúdos preestabelecidos, podem centrar-se no que não sabemos, no que ainda pode e precisa ser criado. Pode partir de que mundo podemos inventar juntas/os.

É isso que entendemos por educação como prática de criação.

GLEYCE KELLY HEITOR é educadora e pesquisadora. Licenciada em história (UFPE), mestra em museologia e patrimônio (UNIRIO-Mast) e doutora em história social da cultura (PUC-Rio). É diretora do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake (SP). Foi gerente de educação e participação do MAM Rio (2020-2021), onde idealizou e implementou o projeto Expresso Educação: residência professor-pesquisador.

CABEÇAS FALANTES

CLAUDIO BUENO

Com a popularização da televisão, a partir da segunda metade do século 20, o mundo passava por transformações radicais nas formas de comunicação à distância. O meio televisivo, ainda restrito a poucas emissoras e pessoas, passou a ser palco de intervenções artísticas e de elaboração da linguagem televisiva.

Muitos artistas compreenderam que as linguagens performáticas e os regimes de atenção, comumente praticados nos ambientes silenciosos do cinema e do teatro, já não eram suficientes para esse novo meio que passava a ocupar o ambiente ruidoso e restrito das residências. A dimensão temporal e os fluxos informacionais assumiram protagonismo, e o corpo do performer passou a ser enquadrado pelos limites de uma caixa de madeira eletromagnética.

Entre 2020 e 2021, durante a pandemia de Covid-19 e a necessidade de distanciamento social, passamos a preencher o espaço de interação entre as pessoas, assim como o interior de nossas residências, com ferramentas online de teleconferência.

Fomos submetidos às limitações oferecidas por essas aplicações, pautadas, principalmente, pela produtividade e performatividade corporativas. Esses programas sugerem um tipo de imagem recortada pelos ombros e pela cabeça, tendendo a neutralizar, universalizar e apagar toda gestualidade e interação afetiva entre os corpos. Nos vemos agora, diariamente, como cabeças falantes (*talking heads*), assim como os clássicos apresentadores de telejornais.

Em diálogo com o programa Expresso Educação: residência professor-pesquisador, do MAM Rio, que intersecciona os campos da educação, da arte e da cultura digital e em rede, em um contexto de isolamento social: o que significa refletir sobre uma prática pedagógica que opera nessas intersecções?

A dramaturga e acadêmica Leda Maria Martins, a partir de sua pesquisa “performances da oralitura”, nos fornece reflexões a respeito das performances dos corpos, das oralidades e das formas de escritura – centrais à atividade docente:

A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei *oralitura*.¹

¹ Leda Maria Martins, *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 21.

O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade.²

Acompanhados dessas palavras, nos perguntamos, portanto: o que acontece quando as performances dos corpos passam a estar contidas em telas de computadores e aparelhos celulares? Quais performances e linguagens, bem como os traços residuais e de rasuras da oralidade, seriam possíveis em telas e softwares que limitam nossos repertórios gestuais?

As professoras residentes deste programa, Jaciara Cristina e Thamy Dalethese, apontam caminhos que contribuem para esse debate.

Thamy, que trabalha a linguagem audiovisual afrocentrada na educação, refletiu nesse período sobre o afrofuturismo e a autorrepresentação de corpos negros e não hegemônicos nas imagens em redes digitais.

A professora apresentou imagens, saberes e tecnologias elaborados por pessoas negras que antecedem, projetam futuros e ampliam o imaginário de escravização tão demarcado nos materiais didáticos escolares. Com foco principal no antigo Egito, Thamy trabalhou com os hieróglifos, com as arquiteturas das pirâmides, com imagens oferecidas por museus digitais, com performances e visualidades de corpos desse período, bem como poses, maquiagens, vestimentas e toda a trama de significados desses repertórios.

Foram gravadas poses, danças e performances que narram as histórias dos alunos, na relação com suas vivências e com seus corpos. Essa atividade, que incorpora repertórios da cultura pop e midiática, está muito próxima também das performances *vogue* – uma dança criada pela comunidade LGBTQIA+ negra e latina nos Estados Unidos, na década de 1980. A performatividade do *vogue* caracteriza-se por posições típicas de modelos, com movimentos

² Leda Maria Martins, “A fina lâmina da palavra”, *O eixo e a roda*, 2007, v. 15, p. 77.

corporais definidos por linhas e poses, valorizando a vida, o orgulho e a liberdade (individual e coletiva) de cada performer. Os vídeos gerados poderão ser postados em redes como YouTube e TikTok – já utilizadas pelos estudantes.

Desde um outro viés, a professora de língua portuguesa Jaciara Cristina recupera seu interesse e seu conhecimento em torno da cultura das “tirinhas de jornal”, e as atualiza, junto de seus alunos, no encontro com a cultura e a linguagem dos memes. Assim como nas tirinhas, os memes são abordados por seu caráter lacunar, com sentidos abertos, demandando de seus leitores a completude das mensagens em circulação. A linguagem passa a assumir um caráter performático, considerando em sua incompletude a alteridade dos sujeitos leitores. Diante das limitações tecnológicas no Brasil, Jaciara trabalha conceitos da cultura digital através de imagens e textos *low-tech* – compartilhados nas redes sociais digitais e por WhatsApp.

Na prática de Jaciara, a linguagem, quando associada aos memes, pode ser pensada enquanto vírus – assim como previsto por William S. Burroughs. Para ele, a linguagem tem uma natureza infecciosa, que cresce e se espalha de hospedeiro em hospedeiro, sequenciando fragmentos que se somam a novos pedaços, e se utilizando do corpo humano como seu hospedeiro e transmissor.

Contra os enquadramentos e as normatizações das tecnologias e da educação, Thamy e Jaciara se associam aos seus alunos para reinventarem suas práticas pelo viés das linguagens e de seus modos de expressão, com pedagogias não hegemônicas, situadas, fisicamente e virtualmente, em cada grupo de alunos, escola ou vizinhança.

CLÁUDIO BUENO é artista visual, curador e doutor em artes visuais pela ECA-USP. Integra a plataforma Explode!, O grupo inteiro e a Intervalo-Escola.

RESSIGNIFICAR

JACIARA CRISTINA SOARES DA CONCEIÇÃO

Professora residente

Cresceu na comunidade da Mangueira, estudou no Colégio Estadual Júlia Kubitschek, é formada em letras/literaturas pela Universidade Estácio de Sá. Leciona há 27 anos nos ensinos fundamental e médio da rede pública estadual, entre os quais na Socioeducação Masculina/Escola João Luís Alves e no Ciep 241 Nação Mangueirense Gov. Leonel de Moura Brizola. Possui especialização em tecnologias para o ensino da saúde na escola (Fiocruz) e está concluindo especialização em gestão e docência do ensino à distância (Cândido Mendes).

FICHA DO PROJETO

EM DIÁLOGO COM estudantes do primeiro e segundo anos do ensino médio da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

TRABALHAMOS a impessoalidade dos textos e as figuras de linguagem através de abordagens que circulam no meio midiático, como memes, emojis e figurinhas de WhatsApp, aliados aos ditados populares.

PARA ISSO USEI o WhatsApp e o Google Classroom como recursos de comunicação, com os quais trabalhamos exercícios de identificação de figuras de linguagem e de memes da internet.

COM UMA ABORDAGEM participativa que valoriza as referências cotidianas da turma, foram propostas três etapas de exercícios: **1)** Conceituar texto impessoal, provérbios populares, memes e figuras de linguagem, e comprovar o uso prático desses conteúdos no dia a dia. **2)** Exercícios de assimilação dos conteúdos. Uma das atividades foi “brincar” com os provérbios populares: foi sugerido o início do provérbio e aos alunos coube concluí-lo de maneira jocosa. **3)** Uma segunda atividade com memes e provérbios populares foi proposta para que eles a realizassem sozinhos. Foram usados alguns emojis do WhatsApp que representavam provérbios como uma forma de enigma a ser decifrado.

“O DESEJO DE DEMONSTRAR E CRITICAR ATRAVÉS DO MEME TAMBÉM PODE DENOTAR O INÍCIO DE UMA FORMAÇÃO ARTÍSTICA”

Shion Lucas entrevista Jaciara
Cristina Soares da Conceição

Qual a relevância de explorar formatos discursivos como o meme¹ na abordagem da língua? Como avaliar os impactos dessa metodologia na instituição?

É muito importante observar como outras formas de se comunicar acontecem. A escola é muito impactada por esses novos formatos de comunicação, inclusive com relação à arte. Eu consigo ver uma expressão artística, uma criatividade de pensamento e crítica que roda em torno do humor e da arte. A escola é um espaço que deve estar atento a esses novos formatos. Lidando com adolescentes, eu noto esse interesse por um envolvimento com novos modos de aprendizagem, o que torna necessário que a instituição e o corpo docente estejam atentos para ofertar essas oportunidades de novas percepções. Em muitos momentos, nem mesmo os estudantes percebem ser possível relacionar, por exemplo, a língua com esses saberes, adotando, dessa forma, essa prática como uma postura política. Acredito que essas metodologias atravessam não só a instituição, mas também nossas noções a respeito de nosso próprio fazer pedagógico, tendo em vista que esse não é um campo imutável.

¹ Quando Richard Dawkins cunhou a palavra meme em seu livro *The Selfish Gene* (1976), ele fazia referência a gene. O biólogo imaginava uma unidade fundamental que, em vez de transmitir informações genéticas, transmitisse elementos culturais ou comportamentais de uma pessoa à outra. Atualmente, o termo designa uma piada que circula pela internet em imagem ou texto, muitas vezes conjugados, e se propaga por meio de redes sociais. Não raro, o meme sofre modificações à medida que se espalha (N. da E.).

Como professora de extensa trajetória na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e também conhecedora das questões estruturais da educação na cidade, a propósito da questão motriz da residência, quais foram os maiores desafios na construção de metodologias aliadas ao mundo digital?

O maior desafio para mim, como professora, foi a distância, essa que se mostrou ainda mais profunda nesse momento. Enfrentar questões como a falta de acesso a esses recursos por parte dos estudantes, baixa conexão e falta de equipamentos. Outra característica que alarga o desafio são os próprios métodos de gerenciamento da cidade e as relações de escuta entre professores e Estado.

De que maneira as proposições impulsionadas pelo projeto podem colaborar com o fazer de outras pessoas na área da educação? Como você observa ou imagina os desdobramentos dessas práticas para o ensino?

Meu objetivo é dialogar com a sociologia, observar comportamentos no coletivo e como isso é atravessado pela linguagem e pela arte. Em outro momento, com um colega de trabalho, alinhamos alguns conteúdos sobre culturas africanas com a turma, o que resultou em uma exposição. O projeto Ressignificar também compartilha desse método de união da linguagem junto da arte. Acredito que esse seja um projeto que atenda a um bimestre e que possa ser replicado entre outras áreas dentro desse período.

A cultura digital se torna, para além de um conjunto de ferramentas, um suporte para a produção de subjetividades. De que modo, no seu ponto de vista, a escrita online e as imagens-textos encontradas nas redes sociais oferecem novos horizontes para a formação?

Me interessa observar as imagens-textos como organismos que alargam a percepção das nossas diferenças sobre algum conteúdo; a argumentação, a opinião e a crítica, às vezes unidas pelo humor. Seus usos, seu desenvolvimento e sua circulação nos ensinam que não são necessárias ferramentas hipertecnológicas

para que essa situação aconteça. O desejo de demonstrar e criticar através do meme também pode denotar o início de uma formação artística, dentro e fora da instituição, o uso da linguagem como arte.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto Ressignificar, acompanhado das experimentações das metodologias utilizadas em sala de aula, que diálogos entre e com a turma mostraram-se possíveis? Você sente que a proposta gerou novas fricções no espaço da sala de aula?

Noto que essas fricções começam a surgir a partir dos diálogos e das revisões sobre a língua e a escrita formal no espaço escolar. Perceber que esse formato possui, sim, uma funcionalidade já legitimada, mas que, para além dela, os conteúdos que produzimos e consumimos online também denotam língua e comunicação. Noto também que o retorno para o formato presencial proporciona *feedbacks* mais imediatos dessas provocações, como o surgimento de novos diálogos.

O meme enquanto linguagem carrega consigo essa potência que reside nas sobreposições de camadas e adições colaborativas em rede. De que modo você acredita que a iniciativa do projeto possa gerar novas relações de criação colaborativas entre estudantes?

Acredito que durante e após o projeto essas relações acontecem a partir da resignificação das redes de comunicação online, não só como plataformas de entretenimento, mas como um espaço para catapultar expressões. As fotografias que são tiradas para fazer figurinhas, por exemplo, atravessam questões éticas da imagem e de sua circulação, tema que gerou uma reflexão sobre as formas dessas criações, essas que, mesmo já apropriadas, devem ser feitas de forma crítica e responsável.

A partir das experiências em sala de aula, como você percebe as respostas da turma sobre os assuntos e as abordagens que o projeto traz consigo? Você acredita que esses retornos possam conduzir outros caminhos possíveis para o próprio projeto?

A resposta das turmas foi muito positiva, notei que foi possível abordar esses saberes com muita identificação dos estudantes. Tenho o desejo de, junto de colegas da instituição, ampliar o projeto de maneira mais continuada.

No desenvolvimento de projetos continuados é possível, seja por questões práticas ou conceituais, desvios para novos caminhos durante o processo. Como você avalia as intenções do projeto no início da mentoria e como observa sua configuração nesse momento?

No início da mentoria, talvez eu tenha vislumbrado caminhos dos quais, naquele momento, eu não pudesse dar conta. A maturidade de compreender as questões operacionais do projeto o direcionou para um lugar muito bonito, o lugar possível, para que a partir dessa configuração prática eu pudesse pensar outros formatos aplicáveis levando em conta a relação dos conteúdos e da cultura digital.

SHION LUCAS é pesquisadora, artista e educadora. Atualmente compõe a Red LEHA - Red latinoamericana de estudantes de Historia del Arte na representação da UERJ. Atua no MAM Rio com infâncias e ativações.

VIEMOS DO EGITO

THAMY DALETHESE

Professora residente

Professora regente do quinto ano do ensino fundamental no Ciep Presidente Tancredo Neves da rede de ensino do Rio de Janeiro (2ª CRE). Graduada em pedagogia e mestre em educação pela UNIRIO. Foi integrante do grupo de pesquisa CACE (2010–2018), com o qual realizou projetos que articulavam cinema e formação, crianças, consumo e produção de vídeos no YouTube. Vincula suas práticas de ensino a projetos voltados a culturas e histórias africanas e afro-brasileiras. Atualmente, pesquisa de forma independente educação afrocentrada e decolonial.

FICHA DO PROJETO

EM DIÁLOGO COM uma turma do quinto ano do ensino fundamental do Ciep Presidente Tancredo Neves, da rede do município do Rio de Janeiro.

TRABALHAMOS a mitologia egípcia, histórias de faraós e rainhas, o antigo calendário egípcio, a escrita em hieróglifos e a construção das pirâmides a partir de um estudo sobre o continente africano como território onde surgiram algumas das primeiras civilizações urbanas, mais especificamente na região do vale do rio Nilo.

PARA ISSO USEI obras egípcias encontradas em museus com acervos online junto com imagens de representações artísticas com olhar afrofuturista que trouxessem elementos estéticos que remetem ao Egito. O Google Maps e o Google Earth também foram utilizados para localizar o Egito geograficamente. Para identificar e aprofundar as informações históricas foram utilizados cadernos pedagógicos do Ilê Aiyê.

COM UMA ABORDAGEM pedagógica afrocentrada, o projeto se propôs a trazer o Egito antigo como possibilidade de resgate de referenciais de potência estética, científica e cultural da África. Assim, nos exercícios de conversa, pesquisa e de explorar imagens e recursos digitais, os conteúdos de estudo e as atividades foram sendo traçados de acordo com os questionamentos e as observações da própria turma e da professora.

“VALORIZAR O PASSADO E PROJETAR O FUTURO PROTAGONIZADOS POR CORPOS NEGROS”

Lais Daflon entrevista Thamy Dalethese

Seu projeto é dividido ao longo de um semestre letivo.
Que caminho os estudantes percorrem nesse período?

Gosto de construir um projeto de acordo com observações e questões que vão aparecendo e sendo sinalizadas de alguma forma pelos próprios estudantes. Acredito no trabalho pedagógico partindo de um tema central que integre diferentes disciplinas e acompanhe as práticas em sala de aula de maneira coletiva e significativa para a turma e para mim também. O aprendizado e o conhecimento só são possíveis quando fazem sentido para todas e todos. E, por isso, todo mundo está envolvido nesse percurso. A partir de um trabalho sobre a África, percebi algumas distorções que as crianças apontavam sobre o continente, ideias exageradamente negativas que, inclusive, desassociavam o Egito da África. Eu levei para a turma a antiga civilização egípcia como proposta de estudo, isso ainda no ensino remoto, nos encontros online. Nesse momento, fomos conversando sobre os conhecimentos prévios que eles tinham sobre o Egito. Alguns grupos se formaram para pesquisar o que eles tinham curiosidade, como as pirâmides foram construídas, para que eles faziam múmias, por que acreditavam em muitos deuses. Junto a isso, eu sugeria sites de museus, revistas e algumas contas do Instagram para eles pesquisarem. Foi maravilhoso! Muitas crianças foram se envolvendo e sugerindo novos assuntos para pesquisa, para apresentar para os colegas. Já no momento presencial foram realizadas algumas atividades para criarem uma relação de envolvimento com o projeto, como brincar com sombras, imitando posturas vistas em artes egípcias, desenhos das sombras dos colegas, colagens com recortes de símbolos e montamos uma árvore genealógica dos deuses e deusas a partir da música “Faraó, divindade do Egito”,

do Olodum.¹ Para fechar o trabalho, foi sugerido que as crianças produzissem coletivamente poses e movimentos com as mãos para o refrão da música, registrando com o celular. A professora de artes da escola também esteve presente nesse processo. Ela é historiadora da arte, tinha muitos objetos pessoais de arte egípcia e levou um olhar mais técnico.

Dentro da cultura digital, você usa diferentes linguagens e ferramentas. Quais foram suas referências para chegar a elas?

A maior referência, sem dúvida, foram as próprias crianças. As minhas proposições sempre partiam de alguma inquietação, do interesse delas, ou de para onde elas direcionavam a minha atenção. Eu comecei trabalhando com eles sites de museus, ferramentas do Google Earth e páginas do Instagram com temáticas afrocentradas e afrofuturistas. Aí, eu fui percebendo, já presencialmente, que eles estavam sempre em movimento durante a aula, fila, intervalo. Fazem dancinhas até sentados, espontaneamente, enquanto eu ficava dando aula. Entendi que ali era um caminho que eu deveria adentrar. E acredito que a escola, a professora tem que atuar também na mediação dos usos, dinâmicas que as crianças vão construindo nesses ambientes virtuais. A minha pesquisa de mestrado foi sobre as relações das crianças com o YouTube e agora eu vejo que elas migraram com força para o TikTok. E talvez não teria essa noção se não fosse a sala de aula. Se a turma está muito presente nesse contexto, mesmo os que não têm dispositivo próprio ou conta pessoal no aplicativo, elas se apropriam de alguma forma de comportamentos, linguagens e sentidos que transitam nessa plataforma. Comecei a questionar as danças aleatórias, quem criava, como elas surgiam, como acessavam, buscavam e selecionavam as coreografias e músicas para “treinar”, pedi para me ensinarem. Até que eu cantei a bola para elas pensarem em como trazer a dança para nosso projeto, sugeri criarmos movimentos com as mãos, os braços, inspirados nas posturas encontradas nas obras egípcias. Dentro da mentoria com o MAM Rio, eu entendi que essa prática se aproximava do

¹ Composição de Luciano Gomes dos Santos.

movimento *vogue*, que tem também essa referência das poses egípcias. Apresentei alguns vídeos de *hands performances* para a turma ver as possibilidades de criar, explorar e brincar fazendo movimentos com as mãos, com os braços. Depois de alguns dias nessa brincadeira, pedi que fizessem registros com celular em vídeos curtos ou fotos. Como já tínhamos trabalhado com a música do Olodum, uma aluna propôs fazer um vídeo reunindo as imagens produzidas. Então, ela ficou responsável por essa parte. As crianças enviaram as gravações que fizeram para ela, então estamos nesse momento da produção do vídeo coletivo com as imagens de todo mundo reunidas.

A autonomia na produção de conteúdo e o protagonismo do corpo negro foram questões que você destacou durante as mentorias. Como seu projeto trabalha essas questões?

Na verdade, tudo começou com um incômodo muito forte em mim enquanto educadora. Há alguns anos tomei para mim um compromisso que apenas recentemente consegui nomear como educação afrocentrada, mas durante a mentoria passei a me assumir uma educadora afrofuturista. Minha inquietação era com o lugar que a África encontrava com recorrência na escola, com foco grande na escravização, na dor, no sofrimento. Percebi muito isso não apenas pelos conteúdos nos materiais pedagógicos, mas sobretudo nas falas, práticas e percepções de estudantes e colegas professores também. Fiz uma lista no início do ano quando estudamos o continente africano e todas as falas relacionavam a África à falta, à escassez, à inferioridade. Eu acredito que, antes de chegarmos à parte da nossa história sobre a escravização de mulheres e homens africanos para cá, precisamos construir e trabalhar outras narrativas. O projeto surgiu disso, de uma busca por construir com eles imaginários outros sobre corpos africanos. Tirar a África do olhar periférico, submisso e tentar resgatar e valorizar corpos negros como sujeitos da história. O estudo sobre o antigo Egito veio na esteira dessa perspectiva afrofuturista na qual me encontrei, de construir e oferecer olhares e representações positivas de povos africanos, reconhecer figuras negras que contribuíram nas ciências, na arquitetura, na arte e na medicina. Valorizar o passado e projetar o futuro protagonizados por corpos negros,

legitimar pessoas negras em lugares de poder. Nesse sentido, eu me preocupei em trazer referenciais do Egito negro e me apoiei no material pedagógico do Ilê Aiyê, que é incrível e pouco conhecido e divulgado. Junto a isso, trabalhei com imagens do Senegambia e Jeff Corsi, que fazem colagem digital dentro da estética afrofuturista. Esses dois artistas trazem alguns elementos estéticos e símbolos egípcios, mas sempre com pessoas negras. Eu usei imagens deles misturadas com pinturas e esculturas egípcias, do Olodum e de outros blocos afro da Bahia para trabalhar mesmo esse costume do olhar de prestígio e valorização de pessoas negras. E, agora, a turma também está criando suas próprias imagens, produzindo vídeos e fotos com as sombras, brincando com movimentos dos braços, dos corpos, pensando junto em coreografias e posturas. A escola precisa ser esse lugar da experiência, de fazer do nosso cotidiano também uma potência em meio a esses contextos virtuais tão múltiplos e, ao mesmo tempo, caóticos, nos quais as crianças circulam e com os quais interagem. Nesse processo, elas vão criando e recriando coletivamente suas narrativas, reatualizando os sentidos e as relações com o celular, os vídeos, as dancinhas, e de alguma forma, suas identidades também... Tudo começou na antiga civilização egípcia e veio parar no TikTok. Mas não acabou.

LAIS DAFLON é educadora, historiadora da arte, pós-graduada no MBA em gestão de museus da ABGC/UCAM e mestranda em artes visuais no PPGAV/UFRJ. Criou o projeto Arte Errante e é educadora do MAM Rio.

FORMATANDO O SISTEMA

DENISE ALVES-RODRIGUES

Talvez todas as pessoas que navegam na internet já acessaram ou um dia acessarão um tutorial. Esse modelo de instrução não é uma novidade, se antes podíamos aprender sozinhos uma técnica com manuais impressos. Sua atualização se deu pela produção de vídeos compartilhados na plataforma YouTube e sua expansão visual (modos de produção e plasticidade), que partiu de vídeos básicos, com passo a passo, para produções elaboradas em que recursos de imagem e som alcançaram níveis técnicos profissionais e seus autores muitas vezes são mais lembrados que o próprio conteúdo que apresentam.

Necessários para uma formação mais autônoma e intuitiva, os tutoriais cumprem a urgência de um fazer, porém esse tipo de instrução desenvolve uma individuação de aprendizado e também uma seleção objetiva de conteúdo. Diferente de uma educação coletiva e presencial, em que o tema é aprofundado através de debate com a presença de um professor, nos tutoriais a relação que temos é de ouvintes e reprodutores de tarefas. Foi na premissa de aprender sozinho que muitos professores se encontraram no momento em que as aulas presenciais foram transferidas para o sistema remoto, em decorrência da pandemia. Para transferir seu conteúdo de classe ao ambiente virtual, usando plataformas que ainda estavam sendo testadas e outras usadas em reuniões empresariais, os professores foram solicitados a reinventar seu conteúdo para uma prática com a qual não estavam acostumados na elaboração de seu trabalho, em meio à tensão urgente de não pausar o calendário escolar.

Entre todos os ruídos desse novo formato, a indicação de aplicativo para comunicação instantânea e o hiperacesso que os alunos passaram a ter aos seus professores (o que amplificou a carga de trabalho dos educadores), o fluxo de atenção necessário em classe foi diluído durante as aulas online, nas quais os alunos fechavam suas câmeras e seus microfones e o professor não conseguia verificar se estavam em aula ou navegando nas redes. Todos estavam vivendo um período confuso, mas a tentativa de gambiarra no sistema para não parar as aulas inflamou ainda mais a defasagem na instrução digital que agentes da educação sofrem desde a inserção “tecnoinformática” nas escolas.

Podemos comparar a criação de uma metodologia de ensino com a prototipagem que fazemos em ambientes *maker*: primeiro, a ideiação/verificação de problema; segundo,

a pesquisa; terceiro, o *dirty-test* (quando montamos algo sem preciosismo técnico, para entender seu funcionamento de uma maneira rápida); quarto, verificação de erros; quinto, melhorias; sexto, desenho... As fases para construir um objeto dentro de um laboratório de *fabricação digital* são uma jornada de prototipação contínua, em que as soluções são encontradas durante o período de pesquisa e produção, em um processo constante de tentativa e erro, no qual a confabulação de ideias em grupo é preciosa para a resposta final.

Exercício de prototipagem foi o que observei nos residentes Rafael Adorján e Maria Madeira. Ambos professores de artes, tinham a missão de manter os alunos em classe virtual e transformar seu programa presencial em conteúdo digital, sem excluir as qualidades presentes na prática artística. Um desafio que puderam desenvolver ao longo do Expresso Educação: residência professor-pesquisador. Partindo de seus projetos-base, ficou evidente o desejo de imaginar novos métodos em vez de somente adaptar o que tinham para cumprir durante as aulas; essa é uma forma habitual que artistas mantêm em seus trabalhos, como desdobrar ou reinventar formas e linguagens já existentes.

Adorján propôs, inicialmente, trabalhar em um projeto de playlists coletivas, em que eram sugeridos temas, os alunos indicavam músicas, compartilhavam entre si suas escolhas e depois conversariam sobre elas. A música era um interesse do professor-artista, e assim ele teria uma desenvoltura já conhecida em auxiliar os alunos na seleção de seu repertório. Madeira, também professora-artista, nos apresentou uma proposta incluindo uma personagem muito curiosa, Maria Cláudia, uma boneca ruiva que frequentava museus e tinha um álbum de seus passeios publicado no Instagram. Através dessa personagem, ia apresentando aos alunos obras de arte e artistas, assim complementando a aula com vários pontos da história da arte brasileira.

Durante todo o processo, a experimentação e os estudos de recursos digitais acompanharam cada nova criação dos professores. Trabalhamos em conjunto na busca de programas, sites e aplicativos que pudessem auxiliá-los na construção de suas propostas, porém em nenhum momento usamos tutoriais. Ambos usaram seu repertório técnico e uma intuição tecnológica

para manejar o necessário em suas produções. Adorján, das playlists passou a montar um podcast, no qual os alunos são estimulados a criar narrativas de temas específicos das aulas e também o reconhecimento de sua comunidade e de si. Madeira, das fotos de Maria Cláudia, indicou aos alunos um exercício de colagem e com suas produções montaram a *PluArtes*, uma revista com todo o conteúdo feito entre alunos e professora e compartilhado em formato PDF.

Ao longo dessa jornada, acompanhei dois fatores interessantes por parte dos residentes: explorar pela tangente recursos que já são automatizados e uma certa resistência aos tutoriais. Nenhum programa ou aplicativo era tão interessante quanto aquele que parecia dar um pouco mais de trabalho, o que tomava mais tempo dos residentes em sua exploração. Os tutoriais, toda vez que eram sugeridos, eles desconversavam um pouco, e acabavam preferindo tentar por si ou, através de nossos encontros, desenvolver soluções para os seus projetos. Imagino eu, ao fim dessa jornada conjunta, que entendemos todos que mesmo com muitos materiais prontos para serem reproduzidos, nada supera a produção de conhecimento que se dá nos encontros presenciais, no câmbio de saberes e nas tecnologias de afeto que ainda precisamos tanto estudar.

DENISE ALVES-RODRIGUES é tecnóloga autodidata, artista plástica e astrônoma amadora, residente em São Paulo (SP). Iniciou seus estudos e práticas em Ribeirão Preto (SP), é bacharel em artes visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

EDUCASOMOS: UM PODCAST FEITO POR DIVERSAS VOZES, PROTAGONIZADO PELOS ALUNOS DE NOSSA ESCOLA

RAFAEL ADORJÁN

Professor residente

Artista, fotógrafo e professor de artes visuais da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro há 13 anos. Atuou em escolas nas regiões norte, sul e oeste e há três anos leciona no fundamental 2 da Escola Municipal Manoel Cícero, na Gávea, com alunos predominantemente da Rocinha. Como artista, pesquisa experimentações no terreno da imagem com ênfase na criação de publicações, como fotolivros, e praxis poética a partir de elementos do cotidiano e da cultura de massa. Indicado ao Prêmio PIPA, possui obras em coleções institucionais, como o MAM Rio.

FICHA DO PROJETO

EM DIÁLOGO COM estudantes da Escola Municipal Manoel Cícero, integrante da rede pública de ensino da cidade do Rio de Janeiro.

TRABALHAMOS objetivando a prática de conceitos como autonomia, reciprocidade e interdependência em prol da coletividade a partir das vivências possíveis diante do contexto de pandemia. Incentivamos o uso de ferramentas acessíveis trazidas pela cultura digital com o intuito de criarmos um trabalho pedagógico colaborativo. Elaboramos um conteúdo participativo, construído a partir da relação entre três eixos: escola, comunidade e museu.

PARA ISSO USEI experiências narrativas elaboradas a partir da relação dos alunos com a escola acrescidas de elementos de seu cotidiano; recursos como contação de histórias a partir do corpo em movimento, como na oficina Palavras Dançantes, ministrada pela artista-professora Priscila Maia; utilização do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp como ferramenta de comunicação direta na geração de conteúdo para um podcast realizado em parceria com os alunos da escola.

COM UMA ABORDAGEM que procurou estimular o uso da voz e dos sons como ferramentas amplificadas de expressão, trazendo elementos de dentro para fora do universo da escola; que buscou incentivar uma participação dos alunos com o intuito de contribuir com a elaboração de um senso de criação coletiva, potencializando a troca de experiências aliada a fontes de conhecimento, de forma a se transferirem como engajamento para a criação do projeto.

CONHEÇA AQUI UM POUCO DA EXPERIÊNCIA:

<https://www.rafaeladorjan.com/projects#/educasomos>



“... ABSORVER OS RUÍDOS, OS DESACERTOS E IMPROVISOS COMO POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO E APRENDIZADO”

Gilson Plano entrevista Rafael Adorján

Desde o início, o som apareceu como elemento central do seu projeto. Mesmo com redefinições ao longo do processo, a voz, a escuta e o saber ouvir sempre se mantiveram. Pode nos contar como o projeto pensa a materialização do som junto com os alunos?

Essa é uma questão central justamente porque o som também é matéria, ocupa um espaço físico ao qual geralmente não estamos atentos, pelo fato de considerá-lo como um elemento já dado. Um exercício interessante foi o de taparmos os ouvidos e percebermos que ainda assim o som nos atravessa e nos traz a percepção dos nossos órgãos internos, diferente de outros sentidos. Atividades como essa, que lidam com o corpo, foram propostas com o intuito de plantar uma cultura sonora para que pudéssemos lidar com os sons de uma maneira mais cuidadosa, exatamente por ser a ferramenta fundamental de criação para o nosso projeto.

O material que você está construindo com os alunos é algo como um podcast ou colagens sonoras. Conversamos muito sobre como essas composições deveriam comunicar e fazer sentido para a comunidade escolar, além da escola. Conte um pouco sobre como o projeto fala também do seu entorno?

Como existe a intenção de apresentar e veicular um projeto sonoro coletivo através de uma plataforma de transmissão, acredito que seu alcance pode ser expandido para além dos limites da escola. A ideia é que o material disponibilizado seja realmente acessível, resultante de um atravessamento de fronteiras a partir de três eixos: escola, comunidade e museu. Dentro da escola, por exemplo, iremos trabalhar com elementos de sua história e de sua arquitetura. Pela comunidade, os

alunos devem captar sons que fazem parte da sua rotina, com a criação de um diário sonoro. Por fim, iremos criar um paralelo com o museu, tomando-o como uma caixa de ressonância que intensifica e potencializa as criações dos alunos, além de apresentar todo um universo de conhecimento. Muitos deles, inclusive, não se sentem confortáveis, pois nem sequer estiveram em qualquer museu em suas vidas. Por isso é importante estabelecer um vínculo da escola com o MAM Rio, para que os alunos possam sentir que são bem-vindos e que o museu também se abra para eles como um espaço de pertencimento. E o projeto pode servir como um caminho mediador para essa conexão.

Rafael, acho muito relevante comentar aqui sobre as questões tecnológicas do seu projeto. Como sempre falamos de captação de som, edição, montagem, parece um bom tema para compartilhar, pensando como a escola lida com essa dimensão da produção de conhecimento digital. Como foi trabalhar com essas ferramentas com os alunos durante o projeto?

Podemos dizer que se trata de um trabalho de educação de guerrilha. As escolas públicas ainda não estão suficientemente equipadas com os devidos recursos para inserir os alunos na questão do aprendizado através da cultura digital. Infelizmente, o cenário é precário, e isso ficou ainda mais evidente durante a pandemia. Mesmo sabendo que novas plataformas vieram pra ficar, ainda estamos muito longe de conseguir explorar todas as suas potencialidades. Fato é que nada substitui a experiência presencial. Creio, também, que aprendemos muito com as mentorias e os encontros de inspiração da residência, porque neles pudemos ter contato com outras realidades, nos motivando a realizar um bom trabalho mesmo diante de um contexto desfavorável. Devemos utilizar os recursos que temos, reinventar ferramentas já existentes, originadas para outras finalidades, e absorver os ruídos, os desacertos e os improvisos como possibilidades de criação e aprendizado.

E como foi esse processo de captação e tratamento do material? Isso parece que se tornou algo quase central no projeto. Como você está lidando com esses processos e quais recursos está usando?

Como está sendo realizado com as ferramentas que temos, e isso também virou uma questão de princípio para o projeto, resolvemos abraçar e saudar a liberdade de criação permitida pela via do amadorismo. Abrimos espaço, então, para o uso pedagógico de recursos já conhecidos pelos alunos, como o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, que permite uma comunicação mais direta para o envio de áudios. Anteriormente, fizemos tentativas nas plataformas oficiais adotadas pela Secretaria de Educação, quando a realidade era apenas das aulas online, porém chegamos à conclusão de que as dificuldades seriam ainda maiores, pois se tratava de um ambiente de troca ainda não tão familiar quanto as chamadas redes sociais. Mas para, de fato, se colocar em prática, foi necessário que ensinássemos um pouco sobre de que forma esses recursos deveriam ser utilizados para garantir alguma qualidade de gravação, para que o conteúdo fosse inteligível, mesmo que tenhamos o amadorismo como referência. Eu e Priscila Maia (artista e professora, colaboradora do projeto) demos dicas prévias de como conseguir realizar gravações do próprio celular em condições minimamente adequadas. É como hoje em dia em que as pessoas fazem cursos para se aprimorar com recursos acessíveis, como a fotografia para celular, por exemplo. Pois, mesmo com a ferramenta nas mãos, é preciso que alguém indique caminhos para que se consiga explorá-las em sua capacidade máxima, já que são tantos os recursos. Também há uma questão ética, do uso adequado do aplicativo, o que foi regulado através de acordos estabelecidos de que o número disponibilizado seria utilizado somente para a transmissão de conteúdo exclusivo para o projeto, o que tem sido plenamente respeitado, e isso tem ajudado muito na organização de todo o material recebido.

Quais caminhos e descobertas você tem feito ao longo do projeto?

Sem dúvida, são muitas. Uma delas, por exemplo, é conseguir ter uma dimensão maior da realidade dos alunos em relação à cultura digital. Mesmo sem prover de muitos recursos, uma parte significativa de nossos alunos são *gamers*, têm canais de dicas de seus jogos preferidos em plataformas como o YouTube. Isso é algo que precisa não somente ser considerado, mas trazido para

o universo da sala de aula. Pois está comprovado que a conexão com cultura digital e tecnologias tem de ser realizada de maneira atrativa e interessante para eles, e para nós professores também. Nesse sentido, a gente percebe que as escolas, sobretudo as de ensino público, infelizmente ainda estão muito atrasadas na implementação de um equipamento básico para que possamos desfrutar melhor dessas experiências. Outra feliz descoberta, essa também da ordem do cognitivo, foi constatar quanto nossos alunos conseguem se envolver e se engajar de forma autêntica em algo que ainda lhes parece totalmente abstrato. Trata-se de uma experiência em que não sabemos exatamente como será o resultado. O mais importante acaba sendo o proveito enquanto a experiência está sendo produzida conjuntamente. Gravamos atividades, por exemplo, em que os alunos dão voz a um personagem que desconhecem, como a própria figura que dá nome à escola, e eles precisam utilizar a imaginação para que o personagem se personifique. Um outro exemplo é o quadro de “entrevista com a máscara”, que situa os alunos diante do contexto da pandemia. Enfim, é uma infinidade de caminhos e descobertas através do uso do som, mas que contam muito com a capacidade de abstração dos alunos e que, na verdade, estamos descobrindo juntos.

Você pode falar sobre essa dimensão do trabalho que é coletivo e colaborativo, e quando ele se torna individual e acaba evidenciando suas escolhas e decisões?

Desde os primeiros encontros, no início da residência, a proposta foi a criação de um projeto em que os alunos fossem os protagonistas, auxiliando-os a desenvolver e pautar o seu conteúdo, para colocar em prática conceitos como autonomia, reciprocidade e interdependência em prol da coletividade. Mas mesmo isso sendo exercitado com muita liberdade, era preciso, sim, indicar caminhos e darmos as mãos para conduzi-los no sentido de obter uma experiência mais completa. Até porque, já diria a obra do artista Traplev, “sozinho a gente não vale nada”. E assim tem se dado essa troca. E, sim, é inevitável não evidenciar também um caráter individual das minhas escolhas e decisões, muito devido à maneira com que penso e atuo como artista e professor. Sempre almejei um desejo relacional de

comunicação através da minha produção artística, que lida com questões diretamente ligadas à memória e à afeição, e também em sala de aula, onde procuro sempre trabalhar com as preferências advindas do universo dos alunos como caminhos para a construção de si.

GILSON PLANO é artista e educador, com experiência em concepção e elaboração de projetos educacionais em instituições de arte e cultura. É mestre em artes pela UERJ e coordenador de mediação no programa de Educação e Participação do MAM Rio. Seus interesses estão relacionados à pesquisa e à criação de programas de educação em arte contemporânea.

REVISTA PLUARTES

MARIA MADEIRA

Professora residente

Doutoranda do PPGARTES-UERJ, mestre em arte da cena-UFRJ. Graduada em história e artes visuais (UERJ) e pós-graduada em teoria da arte: fundamentos e práticas artísticas (UERJ). Mestre em antropologia e comunicação audiovisual pela Universidade de Barcelona. Professora de artes, titeriteira, atriz, arte-educadora e artista visual. Atualmente, atua como professora de artes visuais (efetiva) em Maricá (RJ) com turmas do fundamental 2 (6º ao 8º ano) da Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra.

FICHA DO PROJETO

EM DIÁLOGO COM estudantes do ensino fundamental 2 de escolas públicas da região metropolitana do Rio de Janeiro.

TRABALHAMOS temas como sustentabilidade, alimentação, novas tecnologias, arquitetura sustentável, composição plástica, teatro de animação, a relação dos espaços públicos das cidades com as pessoas e o corpo nas artes visuais.

PARA ISSO USEI diferentes ferramentas pedagógicas como: vídeos, visitas virtuais a museus, fotografias e músicas, além de gravar videoaulas, o que me fez passar por processos de captação de imagens e edição de som e imagem com programas gratuitos disponíveis na internet.

COM UMA ABORDAGEM triangular – apreciar, contextualizar e pesquisar –, a metodologia tem como máxima referência Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Mesmo virtualmente, o projeto buscou fazer do espaço das aulas um local de troca de saberes, respeitando as diferenças e opiniões. Desde a escolha do título, *PluArtes*, os conceitos de pluralidade e diferença foram trabalhados como potência coletiva que reconhece as individualidades, somando olhares e reflexões sobre um tema comum.

CONHEÇA AQUI UM POUCO DA EXPERIÊNCIA:

PluArtes 1:

<https://www.flipsnack.com/artesprofessoramariamadeira/revista-1-pluartes-6-ano-colagens.html>



PluArtes 2:

<https://www.flipsnack.com/artesprofessoramariamadeira/pluartes-abrigo-n-2.html>



“... ESTA IDEIA DE QUE TODO JOVEM ESTÁ INCLUÍDO NO ESPAÇO VIRTUAL É UMA IDEIA BURGUESA”

Daniel Bruno entrevista Maria Madeira

Você trabalha em uma escola em Maricá, na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, na qual muitos alunos são filhos de pescadores. Desde cedo você se mostrou atenta às questões próprias dessa comunidade e à importância de percorrer o espaço e utilizá-lo como matéria-prima para estudo. Como a virtualização das aulas a partir da pandemia afetou a construção desse olhar e as relações, sua e dos alunos, sobre esse território?

A pandemia alterou muito as relações nestes quase dois anos. Houve mais de uma tentativa de estabelecer uma plataforma e momentos de suspensão. Quando a plataforma estava definida, iniciou-se um momento de experimentação: estávamos todos num barco e não sabíamos para onde ir.

Além disso, havia muitos problemas de acesso pois, afinal, estamos falando de estudantes da rede pública municipal. A prefeitura chegou a pensar em distribuir chip, ou fornecer acesso à internet na escola, mas nenhuma dessas alternativas se mostrou totalmente viável. Enfim, todo esse processo fez com que houvesse um longo tempo de distanciamento, de ausência de trocas. Acho importante dizer isto, dar este contexto, pois acredito que no futuro ainda haverá ônus desse tempo. Não está resolvido agora, não acabou ainda.

Apenas em abril de 2021 conseguimos começar, de fato, os trabalhos e então outras questões surgiram. Acho que essa ideia de que todo jovem está incluído no espaço virtual é uma ideia burguesa, pois não é assim: cada adolescente, cada criança tem sua própria realidade, é única. Com os trabalhos já começados, logo houve momentos muito interessantes, como observar a participação dos familiares. Em certos momentos havia três, cinco pessoas assistindo à aula na casa. Claro que isso também

tem um lado ruim, pois pode significar uma certa vigilância sobre o que a gente fala na aula, sobre o que está acontecendo naquele ambiente. Então é importante lembrar que o ambiente virtual está sujeito a muitas interferências.

Comecei a observar como as atividades feitas em sala de aula virtual não ficam apenas restritas àquele ambiente, pois na verdade elas são feitas no mundo real, são produtos com materialidade. Eu quero travar conversas e as respostas completas são as contextualizações que surgem das ideias plásticas materiais, então, depois de exibir vídeos e visitas a museus, eu quero entender a compreensão dos estudantes a partir da sua criação. A parte prática é muito importante porque é a reflexão sobre o assunto.

Nas duas revistas que estão prontas, você vai ver nas colagens um processo. As colagens acontecem no mundo real deles. São crianças de 11 a 13 anos que quando começaram não faziam esse tipo de colagem, não faziam uma colagem artística, achavam que colagem era simplesmente uma coisa do lado da outra. E por que eles resolveram se dedicar? Porque teve uma troca, teve vontade de participar. Fazer essa revista é valorizar o processo que houve no real, no ambiente da casa deles. Começaram a ver que a casa era um lugar possível de criar, de ter uma produção artística.

O olhar mudou, e pensando na produção deles dentro de casa podemos entender melhor o que esse aluno é, de onde ele vem. Eu sei que lugar é esse, eu não comecei a ser professora no virtual... Eu estava lá e caminhava com eles. A importância de saber onde essas pessoas estão e as possibilidades que elas têm de realizar o trabalho. Seguir tendo um olhar crítico sobre o público e não generalizar como se todo mundo fosse igual ou a mesma coisa.

Você tem uma longa experiência trabalhando e estudando o teatro de formas animadas/teatro de bonecos. Apesar de já ter experimentado produções audiovisuais dentro desse campo antes, a personagem Maria Cláudia foi sua primeira inserção diretamente no ambiente virtual, através das redes sociais. Que motivos a levaram a escolher essa boneca para ser a sua representação virtual neste momento?

Eu trabalho com teatro de formas animadas há 34 anos, quando eu ainda cursava minha primeira graduação, que foi história. Eu era bolsista do CNPq e trabalhava com uma antropóloga, e o trabalho dela era em um asilo de mulheres idosas, trabalhando com esse público que era esquecido socialmente. Nessa época eu queria muito fazer teatro, mas não pensava no teatro no campo expandido, não tinha essa compreensão. Disse a ela que queria fazer um projeto com teatro de bonecos. Ela disse “mamulengos”? Eu falei “sim”. E quem disse que eu sabia o que era? Então fui à Biblioteca Nacional e pesquisei, fiz o projeto e foi aprovado. Fui para o Abrigo do Cristo Redentor, em São Gonçalo, sem saber na prática o que era o “boneco popular”. Trabalhava lá com mulheres idosas, quase todas abandonadas. O grupo era composto no início de nove mulheres, sempre foram grupos pequenos. Então eu comecei loucamente a fazer bonecos, mesmo sem nunca ter feito antes.

O primeiro passo era a escuta, para contar histórias a partir do que eu ouvia delas. A princípio era tudo muito pesado. Claro, o contexto era pesado. Até que, num determinado momento, elas começaram a contar sobre os amores que tiveram. Esse foi meu mote para criar o primeiro espetáculo com elas: *Histórias de namorados*. Passei cerca de três anos trabalhando por lá e isso fez com que eu comesse a querer saber mais sobre teatro de bonecos e com isso eu fui ser aluna da Escolinha de Arte do Brasil, fiz curso... Enfim, uma sucessão de coisas até que me formei em história, já era arte-educadora.

Então resolvi ir para Olinda (PE) para conhecer os mestres, mais ou menos entre os anos de 1996 e 1997. Em Olinda sou contratada pelo Museu do Mamulengo pra ser arte-educadora. A partir daí acontece muita coisa: vou trabalhar no Movimento Sem Terra, volto para o Rio, faço uma pós-graduação na UERJ e depois sou chamada para trabalhar em uma companhia de marionetes na Espanha chamada Jordi Bertran, e eu vou para Barcelona. Lá, faço meu primeiro mestrado sobre antropologia e comunicação audiovisual, em que falo sobre uma festa de bonecos que acontecia na cidade. Enfim, o boneco mudou o rumo da minha vida, me levou para as artes, me fez conhecer o mundo, outros países, outros lugares, outros povos. Eu sempre falo que não fui eu que escolhi, foram os bonecos que me escolheram.

Eu sempre me apresentei como Maria Madeira ou como a minha companhia, que se chama Bonecos de Madeira. E bem, eu sou uma pessoa que gosta de brincar: a minha criança é bem alimentada. Ganhei a Maria Cláudia de presente e havia começado a brincar de fotografá-la quando logo veio a pandemia.

Nesta residência você optou por desenvolver o projeto de uma revista virtual. É possível ver nela uma proposta de registro da memória das relações que desenvolvemos entre museu, professora e alunos. No contexto das mídias virtuais, como você espera que esse material seja apropriado e circule entre estudantes ou futuros professores residentes?

A criação da revista *PluArtes* aconteceu através da residência, que tem esse foco nas mídias digitais. Fiz um apanhado de pessoas, de conversas sobre essas mídias e como a gente pode dialogar nos nossos diferentes contextos de sala de aula. Como eu já falei no início, era tudo muito novo, e ainda é tudo muito novo e precário, porque ainda estamos nos adaptando... Essa história de “a gente já se adaptou”... Gente, isso é só uma coisa reduzida de um grupo! Não é assim!

Ano passado, no processo eu já havia conseguido fazer mural virtual, fazer seleção do que foi produzido pelos estudantes, arquivar esse material. No entanto, agora, eu vi a necessidade de algo esteticamente mais interessante, e algo também que desse essa sensação de orgulho ao estudante, do tipo “eu estou participando de algo importante”. Eu acho que trabalhar a autoestima favorece e a gente sabe o quanto isso é importante na vida. Você vê que um trabalho que você fez agora está numa revista, que agora está em um museu, que ele conheceu virtualmente e já entende a importância.

Eu acredito nessa mudança através do afeto. Eu acredito que a relação da gente é construída com trocas e afeto. Nessa construção do saber, esse é o meu caminho. Para os próximos residentes, acho importante ter uma revista que foi criada pensando nesse modelo de museu-residência, de uma professora que está fazendo essa ponte entre os estudantes, mostrando o resultado dessa prática.

A revista é simples, de apenas dez folhas, são alguns trabalhos. Obviamente houve uma curadoria. Não caberiam

todos, pois seria inviável, mas procurei contemplar esse conceito de pensar que somos diferentes. Em Maricá, a escola em que eu trabalho, nessa zona de pescadores, que tem um percentual grande de filhos de pescadores, é diferente de outra escola que é mais no centro da cidade. Então a gente tem que pensar nesse contexto. Quando a gente vai fazer um trabalho artístico, a gente vê que, tendo referências, a gente faz um trabalho diferente de quando não temos referências.

A partir do momento em que eles começaram a ter referências, vimos como isso influenciou na maneira de pensar, de criar seus próprios trabalhos. Percebendo que não é para copiar nada, deixar a reflexão acontecer, então pensar nessa pluralidade de pessoas, pensar nesse campo ampliado. Aí surgiu esse nome, para pensar que existe mais do que uma arte. Pensar que tem uma arte além do museu e pensar que tem uma arte além dessa escola e que transita por aí nos meios digitais, por toda parte. Então o nome da revista veio também para isso.

DANIEL BRUNO é educador do MAM Rio, responsável pelo núcleo de acessibilidade. Procura os diálogos possíveis entre diferentes linguagens que passam pelo museu e as demandas de uma sociedade que deseja ser mais inclusiva.

REMIX DE SABERES

SIL BAHIA

Repensar os processos de educação e aprendizagem a partir da cultura digital acelerada com a pandemia da Covid-19 entrou para a ordem do dia nas escolas. O que para muitas instituições de ensino e educadores era algo pontual, como uma exibição de vídeo ou a apresentação de aulas em slides e outras linguagens digitais, virou regra e acelerou futuros. De uma hora para outra, nos tornamos aprendizes, cheios de dúvidas e perguntas sobre essa nova forma de fazer. Está certo que para algumas escolas, sobretudo as mais elitizadas, esse futuro já tinha chegado – por meio do uso de maquinários como impressora 3D, eletrônica, ensino de programação, entre outros. A cultura digital e o ensino de novas linguagens já são uma rotina nessas instituições, estimulando o desenvolvimento de novas metodologias aliadas aos processos de ensino e aprendizagem tradicionais.

A reflexão sobre futuro, presente e passado é fundamental para amplificar a noção de cultura digital e entendê-la como uma chave para a democratização de saberes. E por isso é importante pontuar que, muitas vezes, o presente de uma parcela da população é um futuro distante para outra fatia de cidadãos. Reforço essa provocação principalmente quando pensamos nos processos educacionais no Brasil que também são marcados pelas desigualdades sociais estruturais.

Há alguns anos venho trabalhando com cultura digital, elaborando e desenvolvendo metodologias de aprendizado sobre o que é a educação para o século 21 a partir do uso de tecnologias. Desde o que podemos imaginar de mais *high-tech*, como o ensino de linguagens de programação, ao *low-tech*, como marcenaria, costura e bordado, que também são tecnologias, mas não digitais. Metodologias que combinam saberes populares, ancestrais com técnicas digitais, como o Sue The Game – um estúdio de jogos focado em narrativas afro-brasileiras, que usa a linguagem do game para valorizar e preservar a memória do povo negro no Brasil. O que observo nesse tempo é que a maioria das metodologias que remixam esses saberes têm como resultado aproximar pessoas que se consideravam à margem da tecnologia digital ou que só se enxergam como consumidores, e não como experimentadores, criadores ou produtores dessas inovações.

Com a pandemia o futuro chegou mais rápido e escancarando desigualdades estruturais no acesso à internet e a aparelhos como computador e celular para estudantes e professores,

principalmente da rede pública de ensino. Toda a comunidade escolar precisou – e está precisando – se reinventar. E rápido. As metodologias de ensino do século 19, presentes até os dias de hoje no cotidiano escolar, já não dão conta de um ensino que há algum tempo vinha dando sinais da necessidade de transformação.

O compartilhamento de saberes, os processos de escuta, as formas de aprender e ensinar são potencializadas pelas remixagens de conteúdos que a cultura digital possibilita. A residência Expresso Educação, realizada pelo MAM Rio, na qual tive a honra e a alegria de acompanhar como instrutora duas professoras residentes para o desenvolvimento de metodologias que dialogam com arte, cultura digital e educação, reforçou o meu entendimento de como esse encontro pode ser transformador.

Gisele Ferreira da Silva e Viviane Rodrigues são professoras de escolas públicas do Rio de Janeiro e tiveram que se reinventar e aprender como exercer suas docências nesse período turbulento. Gisele desenvolveu um projeto que trabalha escuta, autoestima e pertencimento de estudantes do PEJA (Programa de Educação para Jovens e Adultos) a partir do uso do conceito de *escrevivência* criado pela escritora Conceição Evaristo, que nas suas palavras significa:

Um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência (...) é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência.¹

¹ Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli, “Conceição Evaristo: a escrevivência serve também para as pessoas pensarem”, em *Notícias Itaiú Cultural*, nov 2020, disponível em <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> acesso em 15 set 2021.

Gisele usou o WhatsApp como plataforma na qual os estudantes puderam, a partir de perguntas disparadoras, criar escrevivências de si. Uma forma dinâmica de estimular a leitura e a escrita, mas também o compartilhamento de visões de mundo e o pertencimento.

Viviane Rodrigues, professora do ensino fundamental, criou uma conta no Instagram para dar vida à personagem Tia Vivi e, usando a linguagem de histórias em quadrinhos, começou a criar conteúdos de educação antirracista de forma criativa, acessível e didática que valorizam e estimulam a aplicação da Lei 10.639/2003, que “estabelece a obrigatoriedade do ensino de ‘história e cultura afro-brasileira’ dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio”.²

Talvez um dos grandes desafios para quem trabalha com educação esteja na construção e significação do que é a cultura digital e como ela pode ser uma ferramenta importante e potencializadora da aprendizagem, para além do uso de slides e exibição de vídeos em sala de aula. É importante salientar que a transformação digital de que falamos mais incessantemente nesses últimos meses de pandemia e de como ela é acelerada pelas tecnologias é, acima de tudo, uma transformação cultural, uma mudança de mentalidade. Ou seja, é processo, é experimentação e ampliação de possibilidades, de explorar os cruzamentos e os remixes entre educação e cultura digital, que se tornaram essenciais.

Não se trata de inventar a roda, e sim de reinventar e remixar a roda.

SIL BAHIA é codiretora executiva do Olabi, coordenadora da PretaLab – iniciativa de estímulo às mulheres negras nas tecnologias e na inovação. Mestre em cultura e territorialidades pela UFF, pesquisadora associada do grupo de Arte e Inteligência Artificial da USP e do grupo de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e Comunicação da UFRJ.

² Disponível em <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>>, acesso em 21 out. 2021.

HQ DA TIA VIVI – PROJETO PEDAGÓGICO ANTIRRACISTA

VIVIANE RODRIGUES (A TIA VIVI)

Professora residente

Mulher negra, mãe de um adolescente, formada em pedagogia, licenciada em história. Especialista em história da África e do negro no Brasil (UCAM); em educação e relações étnico-raciais (PENESB/UFF); e mestre em relações étnico-raciais (CEFET/RJ). Atua como professora do ensino fundamental (anos iniciais) da rede municipal de educação do Rio de Janeiro; integrante do Coletivo de Professores Antirracistas AGBALÁ e idealizadora do Projeto Pedagógico Antirracista HQ da Tia Vivi.

FICHA DO PROJETO

EM DIÁLOGO COM educadores e educandos interessados na reeducação das relações étnico-raciais.

TRABALHAMOS na criação de materiais paradidáticos que dialogam sobre a história do negro brasileiro e das nossas tensas relações raciais, tendo como objetivo fornecer conteúdos com “gatilhos” para reflexões críticas e fomento de práticas pedagógicas em cumprimento à Lei Federal 10.639/03.

PARA ISSO USEI uma plataforma, a Pixton, para desenvolver as tirinhas que compõem as histórias em quadrinhos da Tia Vivi, produzidas em formato de imagem digital (JPEG e PDF). As 32 edições da primeira temporada das *Tirinhas da Tia Vivi*, publicadas todas as sextas-feiras no perfil do Instagram @hqdatiavivi, estão sendo adaptadas para uso pedagógico através de uma biblioteca e de uma revista virtual, e os vídeos estão disponíveis em um canal do YouTube. Além das *Tirinhas da Tia Vivi*, também foi produzido um gibi pedagógico com HQ no qual são explorados mais conteúdos e conceitos que estão inseridos no contexto dos estudos sobre relações raciais.

COM UMA ABORDAGEM da linguagem de histórias em quadrinhos para sensibilizar, a partir de uma perspectiva antirracista, estimulando uma reeducação sobre as questões étnico-raciais.

CONHEÇA AQUI UM POUCO DA EXPERIÊNCIA:

Instagram: <https://www.instagram.com/hqdatiavivi/>



YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCc4ui57f-ksbYQZWDgybM0g>



Blog: <https://denzelhucsrodrigue.wixsite.com/hqdatiavivi>



“A VIDA VEIO ME TRAZENDO EXPERIÊNCIAS, E AS TIRINHAS SÃO TAMBÉM O ESTUDO DAS MINHAS RESPOSTAS PARA UMA REEDUCAÇÃO DA SOCIEDADE”

Juca Fiis entrevista Viviane Rodrigues (Tia Vivi)

Como surge o projeto HQ da Tia Vivi?

No ano letivo de 2020, fomos surpreendidos com a suspensão das aulas presenciais. Na rede pública municipal do Rio de Janeiro, a suspensão das aulas perdurou durante todo o ano letivo, havendo a necessidade de nós, profissionais de educação, nos adaptarmos ao ensino remoto. Foram necessários esforços materiais e intelectuais para atendermos às novas demandas virtuais.

Em uma formação remota, oferecida pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, tive a oportunidade de conhecer um site para a produção de histórias em quadrinhos, o Pixton. Experimentando-o para a produção de HQ, minhas memórias da infância foram aguçadas e fui remetida a um tempo em que lia e colecionava gibis que despertavam minha criatividade, a ponto de me motivar para a produção das minhas próprias histórias, fruto de minha imaginação.

Inspirada pelas lembranças de infância, junto de uma frustração por estar explorando superficialmente a temática das relações étnico-raciais, que comumente conseguia trabalhar no ensino presencial, tive a ideia de produzir algo que pudesse ser utilizado durante e após esse período remoto.

Os materiais didáticos disponibilizados nas escolas de uns anos para cá até já abordam algumas questões do ponto de vista cultural relacionadas à Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura dos afro-brasileiros e africanos, mas há tempos sentia falta de materiais que introduzissem criticamente a temática das nossas relações raciais brasileiras, com conteúdos que abordassem diretamente assuntos como

racismo, discriminação, preconceito, cotas raciais, movimentos sociais negros etc.

Foi quando surgiu a ideia de utilizar a produção de HQ como forma de introduzir histórias com diálogos úteis para um caminho de superação do racismo na escola e na sociedade.

Lembro de uma conversa durante uma mentoria com Silvana Bahia, sobre como a Viviane Rodrigues dá voz a Tia Vivi, e Tia Vivi dá voz a Viviane Rodrigues. Como é trabalhar com um projeto de avatar pessoal, da perspectiva artística e antirracista?

Na HQ, eu, a Tia Vivi, sou a protagonista em diálogo com meu filho adolescente. Abordamos temas sobre as tensas relações raciais no cotidiano da sociedade brasileira. Essa personagem sou eu, e as histórias são frutos de minhas vivências; são coisas que eu vivi e gostaria de ter falado, por isso, não dava para dar outro nome. Esse avatar também me possibilitou trazer características que não estamos acostumados a ver em personagens protagonistas, que é essa mulher preta, profissional de educação, mãe e esposa.

As histórias são inspiradas na minha trajetória materna, pois desde que meu filho Denzel tinha cinco anos, ele passou pelos primeiros dramas raciais. Também dos assuntos com meus alunos, crianças de 9, 10 anos que já chegam com muitas experiências e vão fazendo conexões de casos de racismo da própria vida. Não falar sobre isso não quer dizer que não acontece. É urgente que a escola trate disso com seriedade e prioridade.

Também tem coisas que eu coloco ali, de situações em que eu “papei mosca” e, só depois que eu chegava em casa, pensava que podia ter respondido tal coisa. Aí a Tia Vivi responde por mim. A vida veio me trazendo experiências e as tirinhas são também o estudo das minhas respostas para uma reeducação da sociedade.

Além dos seus alunos e de crianças em geral, a gente falou bastante sobre outro público-alvo das tirinhas, que são outros educadores. Qual é a importância desse público também ao acessar a HQ da Tia Vivi?

Sou pedagoga, formada em 2004, e formada em história em 2010, e não estudei sobre a história do negro e das relações raciais no Brasil. A maioria dos educadores vai para a sala de aula sem esse preparo. Entre diálogos que não acontecem e pensamentos equivocados, esses adultos estão mediando conflitos que estão rolando em sala de aula o tempo todo. Somente em cursos de extensão, especialização e no mestrado pude estudar e pesquisar as relações étnico-raciais. Trazer a história das relações raciais para o currículo é equipar educadores para mediar esses conflitos. Para isso, escrevo histórias cujo enredo tem o objetivo de se tornar gatilho para reflexões sobre as nossas relações raciais brasileiras, voltadas também para reflexão e inspiração docente.

Também espero que a metodologia de criação inspire outros professores a produzirem seus próprios conteúdos e que possam pensar projetos, redes, e aquilombamentos virtuais. Que a HQ abra espaço para esse tipo de escrita, debate e diálogo sincero.

Você traz muito durante as nossas conversas o desejo e a necessidade de democratizar os acessos, e por isso também Tia Vivi trabalha seus conteúdos em muitas frentes. Algumas delas conseguimos refletir e dilatar durante sua residência no MAM Rio. Gostaria de falar um pouco sobre essas estratégias?

No início do ano letivo de 2020, eu tinha duas turmas com 84 alunos no total. Durante o ensino remoto, tive o retorno de aproximadamente vinte. Os demais são alunos que não têm e vão continuar sem ter acesso digital. Daqui a dez anos, nós vamos ver as consequências disso no mercado de trabalho. Eu comecei a fazer a HQ para trabalhar com os meus alunos. Após apresentar o material produzido a alguns colegas educadores via aplicativo WhatsApp, houve um retorno positivo, junto com a solicitação do uso do material em outros espaços educativos, além da especulação sobre a possibilidade de o material se tornar um livro impresso.

Diante da repercussão que o material teve nos grupos em que foi compartilhado, decidimos divulgar as tirinhas da Tia Vivi via página pessoal do Instagram. Durante as férias do final do ano, amadureci as ideias e as sugestões recebidas por

amigos de profissão e, inspirada a produzir outras histórias, resolvi transformar essa produção em um projeto pedagógico antirracista, através de um perfil próprio no Instagram, o @hqdatiavivi. Esse projeto envolve outros quadros de conteúdo, além das tirinhas, como *Tia Vivi indica, dor ou amor?* e *Histórias que a escola não contou*.

O MAM Rio trouxe peso e compromisso ao projeto. Um projeto que antes habitava uma atmosfera doméstica passou a ser reconhecido institucionalmente. Durante a residência, comecei a explorar os *reels* do Instagram de forma espontânea. Com uma taça de vinho e Denzel, que, além de ser meu filho, é meu interlocutor e auxiliar técnico. Fizemos uma biblioteca virtual, em PDF interativo, com todas as tirinhas disponíveis, abri um canal no YouTube e iniciei uma parceria com Andreza Bittencourt, seguidora da página e professora de artes, que me ensinou a transformar as tirinhas em vídeos, com narração das histórias com a minha voz e a de Denzel.

Tem também a frente do gibi pedagógico, que é a versão da HQ da Tia Vivi para publicação, em que entre as tirinhas estão propostas pedagógicas. Essa frente está em processo de pesquisa para a viabilização de fundos e colaborações para publicação e distribuição dos gibis, para gerar alcance das histórias. Assim, pretendo possibilitar e assegurar que muitas pessoas consigam ter acesso a esse conteúdo pedagógico e consigam realizar a expansão do trabalho de leitura crítica com as crianças.

Quais os próximos passos para a HQ da Tia Vivi?

Janeiro é a época em que eu consigo produzir, durante as férias escolares. As primeiras 32 tirinhas escrevi todas durante o último verão, quando posso dedicar toda minha criatividade à Vivi autora, e escrever e montar as tirinhas é um prazer. Agora, de olho nas próximas férias de final de ano, já estou planejando a segunda tiragem. Gostaria de poder investir na assinatura anual da plataforma Pixton para ter acesso ao conteúdo pago e produzir o conteúdo ao longo do ano, sempre que a inspiração para a produção acontecer. Planos futuros também incluem trabalhar na identidade visual, em grafismos relacionados à marca, buscar editoras e quem sabe fazer campanhas de arrecadação virtual para viabilizar e potencializar o projeto, pois existem barreiras

em relação a apoio. O investimento em um projeto digital tem gasto financeiro, não é só abrir uma conta no Instagram. É investimento de tempo, dinheiro, saúde mental. Todos esses diálogos têm trazido pensamentos de até onde posso caminhar agora, o que posso fazer daqui a um tempo e o que eu fiz até aqui.

JUCA FIIS é artista e arte-educadore no MAM Rio. Trabalha com foco na concepção e na execução de projetos pedagógicos de infâncias e ativações com o museu.

MINHAS ESCREVIVÊNCIAS: LEITURAS DE MUNDO E LEITURA DAS PALAVRAS

GISELE FERREIRA DA SILVA

Professora residente

Professora pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atua com alfabetização no programa de Educação de Jovens e Adultos e na Escola Municipal Alcide de Gasperi. Doutoranda em políticas públicas e formação humana (UERJ). Mestre em relações étnico-raciais (CEFET/RJ). Especialista em psicopedagogia institucional e orientação educacional/pedagógica (Universidade Cândido Mendes). Graduada no normal superior (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro). Formada em psicanálise (Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica).

FICHA DO PROJETO

EM DIÁLOGO COM estudantes e docentes da Educação de Jovens e Adultos.

TRABALHAMOS objetivando incentivar alfabetização, leitura e escrita, mesmo no contexto pandêmico. Procuramos estimular o uso de ferramentas digitais como apoio ao trabalho pedagógico; a construção de narrativas dos discentes; relacionar as narrativas às palavras ou a temas geradores estimuladores do processo de alfabetização.

PARA ISSO USEI as narrativas de vida dos estudantes; histórias de vida e contos de Conceição Evaristo e textos de Paulo Freire; perguntas disparadoras; grupo de WhatsApp para mediação do projeto objetivando alcançar os alunos na educação remota; construção de um “livro” pessoal com as atividades, os contos, as narrativas, as dobraduras e os desenhos utilizados durante todo o percurso.

COM UMA ABORDAGEM que levou em conta os conceitos de alfabetização propostos por Paulo Freire na EJA; o incentivo às narrativas dos discentes, entendendo-as como suas *escrevivências*, conceito da autora Conceição Evaristo. Como todo processo educacional sensível, levou-se em conta o conceito de afetividade da autora Azoilda Loretto.

CONHEÇA AQUI UM POUCO DA EXPERIÊNCIA:

<https://projetoleiturasdesi.blogspot.com/>



“O QUE PARA MUITAS PESSOAS NO COTIDIANO LETRADO DA SOCIEDADE PODE REPRESENTAR TAREFAS SIMPLES, PARA ALUNOS ADULTOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO SÃO GRANDES DESAFIOS”

Antonio Amador entrevista Gisele Ferreira da Silva

Como foi o início do projeto e a mudança que aconteceu com o retorno à atividade presencial?

O ano de 2020 foi marcado pela crise trazida pela pandemia, com diversos desdobramentos. Especificamente no campo do ensino, professores e alunos foram diretamente impactados. Foram momentos de intensas modificações que ainda seguem em 2021, quando as ações de trabalho remoto foram intensificadas. O uso e o acesso remoto para os alunos ainda são desafiadores. Sou regente no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, em uma turma de alfabetização. A turma tem cerca de trinta alunos, com faixa etária entre 16 e 67 anos. Uma parte já era estudante da escola, outra parte chegou em 2021. Em março de 2021, a atividade de ensino na Educação de Jovens e Adultos permanecia ainda de forma remota através do aplicativo destinado a esse fim, apresentando baixa interação. Desse modo, recorreu-se ao contato com os alunos através dos números telefônicos fornecidos na matrícula. A equipe administrativa continuamente busca estabelecer esse vínculo para que o aluno não se afaste da sua vida escolar. Nessa turma, muitos alunos haviam comparecido à escola, seja para retirada do material didático para estudos em casa, fornecido pela rede, ou mesmo para obter informações. É realizado acompanhamento semanal pela gestão e, neste momento ainda pandêmico, o olhar é estar atento a toda tentativa de contato e interação dos alunos.

Contudo, no que se refere ao retorno do ensino-aprendizado, por ser uma turma que está começando em seu processo de alfabetização, há dificuldades no uso dos recursos tecnológicos. Assim, ao longo do tempo de ensino remoto, alguns alunos entregaram diretamente na escola as atividades do material didático realizadas. Desse modo, visando olhar um pouco mais de perto para esse processo, no segundo bimestre de 2021 criei o grupo da turma com o aplicativo WhatsApp. Em junho, a rede estabeleceu a volta presencial aos estudos. A adesão foi flutuante por fatores diversos: retorno optativo, alguns alunos receosos devido à pandemia, após um tempo afastados precisavam reorganizar a rotina etc. No segundo semestre, a frequência da turma aumentou bastante.

Até junho, foram realizados encaminhamentos pelo grupo de WhatsApp. As ações ocorridas envolveram pesquisa dos contatos dos alunos e contato telefônico através das fichas fornecidas para a criação do grupo, para então conseguir estruturar os objetivos desse grupo formado. Não se objetiva apenas o envio de atividades, mas, sim, um acolhimento para que os alunos se sintam envolvidos em seu processo escolar, tendo em vista as especificidades tão características da Educação de Jovens e Adultos. Assim, os encaminhamentos iniciais no grupo perpassaram a apresentação e a explicação dos objetivos, os combinados e os procedimentos.

Esse passo inicial envolveu bastante tempo no que se refere ao retorno dos contatos, porém se apresentou produtivo. Com o grupo estabelecido, foi o momento da escuta sensível. Todo meu contato foi por áudio, para que fosse mais acessível para os alunos. Parte dos alunos contou como estava, o que havia acontecido no meio-tempo, demonstraram estar com saudade da escola, apresentaram preocupação em não conseguir realizar todas as atividades, seja por dificuldades de acesso remoto ou por não saberem ler. Foi o momento de acolhida. A tônica da escuta é também um fio condutor nesse projeto,¹ conforme já exposto, levando em conta que as narrativas discentes são compreendidas como as *escrivivências* desses alunos.

¹ Trago como colaboração a formação psicanalítica que permite ampliar esses momentos de escuta, compreendendo um pouco melhor algumas mediações e intervenções.

A partir de junho, voltamos ao ensino presencial. Parte dos alunos que não estava no grupo retornou. Conforme compareciam, estimei a entrada no grupo de WhatsApp, incentivando seu uso como ferramenta de apoio e, assim, contemplando o ensino híbrido solicitado, visto que o cenário pandêmico permanece e impacta diretamente as relações de ensino, mesmo presencialmente. Nesse período, conduzi atividades que envolveram eixos como autoestima, história de vida/biografia; artes que envolviam dobradura, desenhos e pinturas. Todo esse trajeto realizado visava envolver os alunos para que se sentissem estimulados e se desdobrou na construção de um “livro pessoal”, montado por eles mesmos em bloco de desenho, através do registro de todas essas atividades construídas por eles. O projeto seguiu se utilizando de músicas, poesias, contos e tudo que privilegiasse reflexões e perguntas disparadoras sobre a importância da leitura, seus objetivos de vida, de estudo etc. Assim, a estrutura central se utilizou de contos da autora Conceição Evaristo e de textos de Paulo Freire.

Que referências o projeto utiliza?

Destaco que reflexões no campo educacional são fundamentais, recorrendo, para tanto, a Paulo Freire. Levando em conta que se buscou sempre trazer as narrativas dos alunos e seus olhares para suas vivências, o sensível conceito de *escrevivências*, de Conceição Evaristo, é imprescindível. Levou-se em conta os conceitos de alfabetização e leitura de mundo propostos por Paulo Freire, articulados ao incentivo às narrativas discentes. Como todo processo educacional que objetiva provocar afetações, levou-se em conta também o conceito de afetividade da autora Azoilda Loretto Trindade. Assim, o projeto apresenta como objetivo geral propiciar incentivo à alfabetização, à leitura e à escrita. Se desdobra em estimular o uso de uma ferramenta digital como apoio ao trabalho pedagógico; construir narrativas que envolvam as histórias discentes; relacionar as narrativas às palavras ou a temas geradores do processo de alfabetização.

O projeto ainda está em andamento, correto? Poderia partilhar quais caminhos ou possibilidades você enxerga nele?

Sim, atingimos diversos resultados positivos. De uma apatia inicial, vejo agora uma turma altamente envolvida e que se sente bem em seu processo de ensino-aprendizado. Vários temas surgiram a partir deles e envolviam suas identidades no campo social, racial, cultural e educacional. Tudo sempre mediado de forma a construir esse processo coletivo. Atualmente, após realizarmos tantas outras atividades, me sinto feliz, pois vejo brilho no olhar de quem já reconhece e realiza a leitura de algumas palavras, cuida do seu material com tanto zelo, valoriza o momento de ensino e sempre demonstra através de suas narrativas, palavras e frases de afeto algo sobre esse processo. Fizemos coletivamente uma carta para a autora Conceição Evaristo e os alunos ficaram extremamente empolgados em contar um pouco dessas nossas *escrevivências*. Muitos já pedem para completar seu “livro pessoal” com várias ideias interessantes e demonstram maior desenvolvimento no que se refere à autonomia. Também fiquei muito feliz pois todo esse movimento acabou por movimentar a escola em torno de um projeto acerca dos cem anos de Paulo Freire. No campo pessoal, foi um aprendizado enorme a cada dia, como sempre gosto, nessa dimensão afetiva de ensinar. Além disso, aguçando o olhar de pesquisadora, me trouxe muitas riquezas no meu percurso no doutorado em políticas públicas e formação humana, em que pesquiso as relações raciais no cotidiano da escola. De fato, só tenho a agradecer por ter tido a chance de participar da residência, que ainda segue com seus frutos. Vivenciamos muitas alfabetizações, inclusive a tecnológica. O que para muitas pessoas no cotidiano letrado da sociedade pode representar tarefas simples, para alunos adultos em processo de alfabetização são grandes desafios; e poder mediar e estimular essa trajetória é cativante e gratificante.

ANTONIO AMADOR é artista visual e educador. Doutorando em artes da cena na UFRJ e mestre em estudos contemporâneos das artes pela UFF. Trabalha no MAM Rio com foco na concepção e execução de projetos pedagógicos de caráter territorial com o museu.



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro

GOVERNANÇA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Alberto Gouvêa
Chateaubriand
Presidente
Armando Strozenberg
Eliane Aleixo Lustosa de Andrade
Eugênio Pacelli de Oliveira
Pires dos Santos
João Maurício de Araújo
Pinho Filho
Livia de Sá Baião
Luiz Roberto Sampaio
Nelson Eizirik
Paulo Albert Weyland Vieira

CONSELHO FISCAL

Cesar do Monte Pires
Edson Cordeiro da Silva
Ricardo Lopes Cardoso

CONSELHO CONSULTIVO

ASSOCIADOS SENIORES

Armando Strozenberg
Carlos Alberto Gouvêa
Chateaubriand
Eugênio Pacelli de Oliveira
Pires dos Santos
Gustavo Martins de Almeida
Heitor Reis
Helio Portocarrero
Henrique Luz
João Maurício de Araújo Pinho
João Maurício de Araújo
Pinho Filho
Luís Antônio de Almeida Braga
Luiz Guilherme Schymura
de Oliveira
Luiz Roberto Sampaio
Nelson Eizirik

Paulo Albert Weyland Vieira
Ronaldo Cezar Coelho

ASSOCIADOS PLENOS

Alessandro Horta
André Soares de Sá
Andrew Lage Hancock
Armínio Fraga
Camila Goldberg
Claudia Moreira Salles
Claudio Hermolin
Eduardo Loyo
Elena Landau
Eliane Aleixo Lustosa de Andrade
Erik da Costa Breyer
Fernando Marques Oliveira
Fred Gelli
Gilberto Chateaubriand
Haakon Lorentzen
João Marcello Dantas Leite
Joaquim Paiva
José Francisco Gouvêa Vieira
Katia Mindlin Leite Barbosa
Livia de Sá Baião
Luciana Levacov
Luís Felipe Magon
Luís Paulo Montenegro
Luiz Carlos Barreto
Marcelo Mesquita
Marcos Falcão
Marta Martins Fadel Lobão
Max Perlingeiro
Michel Wurman
Miguel Pinto Guimarães
Nara Roesler
Oskar Metsavaht
Pablo Sorj
Paula Marinho
Rhanine Rodrigues Pessoa
Ricardo Steinbruch
Robertha Blatt
Rogerio Pessoa
Sérgio Gusmão Suchodolski
Tanit Galdeano

COMITÊ DE INVESTIMENTOS

Edmar Bacha
Helio Portocarrero
Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho
Luiz Roberto Sampaio
Pedro Luiz Bodin de Moraes

COMISSÃO DE ACERVO

Carlos Alberto Gouvêa
Chateaubriand
Eugênio Pacelli de Oliveira
Pires dos Santos
Fabio Szwarcwald
Luís Antônio de Almeida Braga
Luiz Guilherme Schymura
de Oliveira

BENFEITORES

Gilberto Chateaubriand
Joaquim Paiva
Luiz Carlos Barreto

PATRONOS

PATRONOS OURO

Alec Oxenford
Cris e Marcelo Trindade
Patricia de Moraes e Pedro Barboza

PATRONOS PRATA

Andrea e José Olympio
da Veiga Pereira
Elizabeth Moraes e Marcus
V. Pratini de Moraes
Jacqueline e Bruno Szwarc
Luís Paulo Montenegro
Mariana e Rogério Pessoa
Paula Marinho e Miguel
Pinto Guimarães
Renata e João Marcello
Dantas Leite
Roberta e Daniel Bassan
Roberta Rolim Machado
e Sérgio Machado

PATRONOS

Alessandra Ragazzo D'Aloia,
Marcia Cristina Correa Fortes e
Alexandre Monteiro Gabriel
Amanda Klabin e Eduardo Tckaz
André Soares de Sá
Anna Victoria Lemann
Camila Yunes e Conrado Mesquita
Claudia Moreira Salles
Karla e Eduardo Loyo
Leonardo Orsini de
Castro Amarante
Ludwig e Luiz Danielian
Luiz Carlos S. Ritter
Marcelo Mesquita
Maria Estellita Lins e Augusto Lins
Maria Silvia Bastos Marques
Martha e Sergio Scodro
Sérgio Ribeiro da Costa Werlang
Simone Cadinelli e
Eduardo Wanderley
Tina Pessoa de Queiroz
e Luiz Carlos Simão

EQUIPE

DIRETORIA

Diretor executivo
Fabio Szwarcwald
Diretoria artística
Keyna Eleison e Pablo Lafuente

CURADORIA

Curadora adjunta
Beatriz Lemos
Assistente de curadoria
Natasha Felix

MUSEOLOGIA

Gerente

Cátia Louredo

Coordenadora de museologia

Camila Pinho

Coordenadora de conservação

Manuela Pereira

Museóloga

Ana Beatriz Cascardo

Montadores

José Marcelo Peçanha

Noan Moreira

CINEMATECA

Gerente

Hernani Heffner

Coordenador de cinema

José Quental

Coordenador de documentação de cinema

Fábio Vellozo

Pesquisador de cinema

Carlos Eduardo Pereira

Assessor audiovisual

Tiago Ferreira

Operadores cinematográficos

Edson Gomes

Sidney de Mattos

EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Gerente

Renata Sampaio

Coordenador de mediação

Gilson Plano

Educadores

Antonio Amador

Daniel Bruno

Juca Fiss

Lais Daflon

Shion Lucas

Assistente administrativo

Ualace Miliorini

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

Coordenadora

Camilla Rocha Campos

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

Gerente

Leno Veras

Coordenadora de publicações

Márlon Strecker

Coordenador de informação

Tadeus Mucelli

Pesquisadoras

Aline Siqueira

Moema Bacelar

Arquivista

Cláudio Barbosa

Museólogo

Maurício Sales

Bibliotecário

Reinaldo Alves

Auxiliar de biblioteca

Flávio Augusto

Jovem aprendiz

Yasmin Mesquita

EXPOGRAFIA

Juliana Prado Godoy

PRODUÇÃO

Gerente

Adriana Salomão

Coordenadora

Helena Ramos

Produtoras

Ana Terra

Julliana Santos

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Gerente

Erika Palomino

Coordenadora de design

Amanda Lianza

Coordenadora de mídias digitais

Domi Valansi

Designer

Mariana Boghossian

Designer assistente

Flávio Vivório

Audiovisual

Matheus Freitas

Fotógrafo

Fabio Souza

Assessora de imprensa

Mônica Villela Assessoria

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Gerente

Andrea Lombardi

Coordenadora

Paula Correia

Analistas

Caroline Bellomo

Michèle Fajardo

Estagiário

Hariel Martins

ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Superintendência financeira

Carlos Mineiro

Coordenador administrativo financeiro

Vinícius Fazio

Coordenadora de projetos

Jusele Sá

Assessora de diretoria

Diana Quadra

Analista de recursos humanos

Giselle Lima

Analista administrativo financeira

Juliana Orsolon

Auxiliar administrativo

Gleyce Souza

Assistentes de bilheteria

Brena Araújo

Regina Barbosa

Auxiliar de bilheteria

Evelin Damascena

Recepcionista

Fabiana Lima

OPERAÇÕES E TI

Gerente

Cassio Pereira

Eletricistas

Edmilson Fernandes Carvalho

João Elias de Almeida

Mecânicos de refrigeração

Reginaldo Pessanha dos Santos

Roberto Monteiro Leocadio

Operador de ar-condicionado

Marcelo Antonio de Almeida

Auxiliares de manutenção

Antonio Marcos Araújo

Elvis de Oliveira Rodrigues

Josias da Conceição Madeira

Supervisora do salão de exposição

Ana Paula Pinheiro

Auxiliares do salão de exposição

Joice Jessica Fernandes

Jucelia de Karla Souto

Orientadores de público

Ana Carolina Brandizzi

Apoena Maia

Camila Souto

Carolina Jovino

Edem Lis

Eduardo Inácio Paiva

Jefferson Borelli

Jonathan Lemos

Júlia Assis Lameiras
Luma Anunciação
Marllon Fernandes Americo
Martina Rangel
Patrick Magalhães
Raquel Sousa
Sílvia Amancio

PRESTADORAS DE SERVIÇOS

Air Service Ar-condicionado Eireli
Best Force Geradores Eireli EPP
Brasil Forte Vigilância
e Segurança Ltda.
Elevadores Salta
Fraga, Bekierman e
Cristiano Advogados
Lacus Tratamento de Água e
Serviços Químicos Eireli
Leal Cotrim Jansen Advogados
Limppo MultiServiços
Oliveri & Associados –
Consultoria Jurídica
Palma e Guedes Advogados
Siciliano Construções
e Reformas Eireli
Red Safety Segurança
Contra Incêndio Ltda.

EXPRESSO EDUCAÇÃO: RESIDÊNCIA PROFESSOR- -PESQUISADOR

Professores residentes

Gisele Ferreira
Jacira Cristina Soares
da Conceição
Maria Madeira
Rafael Adorján
Thamy Dalethese
Viviane Rodrigues

Idealizadora da residência

Gleyce Kelly Heitor

Mentores convidados

Cláudio Bueno
Denise Alves-Rodrigues
Sil Bahia

Palestrantes convidados

Alexandre Rosado
Anápuaka Muniz
Tupinambá Hã hã hã
biarritzzz
Carla Vieira
Cristiane Taveira
Giordano Castro
Jonathan Caroba Martins
Marcelo Marques (Audino Vilão)
Marili Bassini
Michel Alcoforado

Coordenadores da residência

Gilson Plano
Lais Daflon

Educadores

Antonio Amador
Daniel Bruno
Juca Fiis
Shion Lucas

Assistente administrativo

Ualace Miliorini

PUBLICAÇÃO

Edição

Márlon Strecker

Coordenação editorial

Natália Nichols

Assistência editorial

Juliana Travassos

Revisão

Daniela Uemura

Coordenação de design gráfico

Amanda Lianza

Design gráfico

Estúdio Daó (Giovani Castelucci
e Guilherme Vieira)

Diagramação

Camila Catto

Ilustrações

Guilherme Vieira
Linus Vieira Tsai

Patrocínio Estratégico



Patrocínio Master



PATROCÍNIO OURO

B3, BMA Advogados, BTG Pactual, Itaú, Mattos Filho Advogados, Vivo, XP Private

PATROCÍNIO PRATA

Adam Capital, Beck's, Concremat, Deloitte, Fundação Hees, H.I.G. Capital, Icatu Seguros, JSL, Samambaia Filantropias, Tenaris, Wilson Sons

PATROCÍNIO

Aliansce Sonae Shopping Centers, Guelt Agente Autônomo de Investimentos, Multiterminais, Sherwin-Williams, Vinci Partners

PARCERIAS INSTITUCIONAIS

ABGC, Apis3, ArtRio, Bolsa de Arte, Breton, Canson, EAV Parque Lage, Google Arts & Culture, Machado Meyer, M2U Digital, Palma Guedes Advogados, PwC Brasil, Rio Memórias, Salta Elevadores, Sotheby's

PARCERIAS DE MÍDIA

ARTEQUEACONTECE, Itabus, JB FM, JCDcaux, revista *piauí*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M986

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Cultura digital e educação em rede: Expresso Educação: residência professor-pesquisador – Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2021.

1,7 MB. PDF

ISBN: 978-65-88670-10-1 [recurso eletrônico]

ISBN: 978-65-88670-03-3 [impresso]

1. Educação remota. 2. Cultura digital. 3. Residência. 4. Museu
I. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. II. Título.

CDD: 370.81

Bibliotecário: Reinaldo Bruno Batista Alves - CRB 6649/2014

© 2021 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro,
os artistas e os autores. Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,
arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por
nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito
do detentor do copyright.

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Av. Infante Dom Henrique, 85
Parque do Flamengo Rio de Janeiro RJ Brasil
20021-140

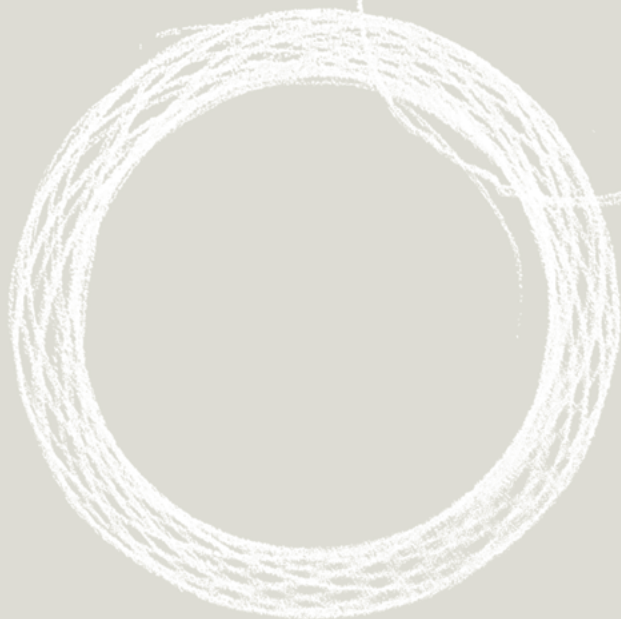
+55 21 3883 5600

www.mam.rio

Este livro foi composto nas fontes IBM Plex Serif e
Josefins Sans e impresso em novembro de 2021 pela
Ipsis, miolo em papel offset 120 g/m² e capa em papel
Supremo alta alvura 250 g/m².



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro



Versão digital



9 786588 670101